

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE LAVRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO**

**PORTFÓLIO ACADÊMICO
ARQUITETURA E COMUNIDADE LGBTQIA+: VÍNCULOS CAPAZES DE
TRANSFORMAR REALIDADES**

SAMUEL DOS SANTOS BELARMINO

**LAVRAS-MG
2022**

SAMUEL DOS SANTOS BELARMINO

**ARQUITETURA E COMUNIDADE LGBTQIA+: VÍNCULOS CAPAZES DE
TRANSFORMAR REALIDADES**

Portfólio Acadêmico
apresentado ao Centro Universitário de
Lavras, como parte das exigências da
disciplina Metodologia da Pesquisa II,
curso de graduação em Arquitetura e
Urbanismo.

ORIENTADORA

Prof^a. Ma. Amanda Burgarelli Teixeira

**LAVRAS-MG
2022**

Ficha Catalográfica preparada pelo Setor de Processamento Técnico da
Biblioteca Central do UNILAVRAS

Belarmino, Samuel dos Santos.

B426a Arquitetura e comunidade LGBTQIA+: vínculos capazes de transformar
realidades / Samuel dos Santos Belarmino. – Lavras: Unilavras, 2022.

77f.:il.

Portfólio acadêmico (Graduação Arquitetura e Urbanismo) – Unilavras,
Lavras, 2022.

Orientador: Prof.^a Amanda Burgarelli Teixeira.

1. Acolhimento. 2. Representatividade. 3. Arquitetura.
4. Comunidade LGBTQIA+. I. Teixeira, Amanda Burgarelli. (Orient.). II.
Título.

SAMUEL DOS SANTOS BELARMINO

**ARQUITETURA E COMUNIDADE LGBTQIA+: VÍNCULOS CAPAZES DE
TRANSFORMAR REALIDADES**

Portfólio Acadêmico
apresentado ao Centro Universitário de
Lavras, como parte das exigências da
disciplina Metodologia da Pesquisa II,
curso de graduação em Arquitetura e
Urbanismo.

Aprovado em 30/11/2022

ORIENTADORA

Prof^ª. Ma. Amanda Burgarelli Teixeira

**LAVRAS-MG
2022**

Dedico a minha mãe Lúcia e ao meu pai Sebastião por estarem sempre ao meu lado e serem minha base, não medindo esforços para que tudo isso acontecesse.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço a Deus por ter me dado forças quando precisei, por não ter me deixado desanimar nos momentos mais difíceis, me dando a capacidade e paciência necessários para enfrentar as adversidades durante todo o percurso acadêmico.

Aos meus pais, Lúcia e Sebastião, ao meu irmão, Luiz Felipe e a todos os familiares que estiveram ao meu lado, em especial a minha avó Aparecida (*In memoriam*), que me deram todo o suporte, apoio e incentivo necessários para que eu pudesse fazer essa graduação e tornar esse sonho possível de ser realizado.

A quem esteve comigo desde o começo do curso, Ana Carolina Mesquita e Lauriana Oliveira, uma amizade e companheirismo que se estendeu para além de amigos de projeto, sendo meu suporte nos diversos momentos, compartilhando comigo risadas, alegrias, choros e tristezas.

Aos demais amigos que se tornaram pessoas fundamentais no meu período de autoconhecimento durante a graduação e que também proporcionaram bons momentos fora do meio universitário.

A todos professores, que sempre se dispuseram a compartilhar todo o conhecimento, a fim de nos ajudar a entender esse universo da Arquitetura e do Urbanismo.

A minha orientadora, professora e mestra, Amanda Burgarelli, que se dispôs a me auxiliar nessa etapa, guiando e mostrando os melhores caminhos e opções a serem seguidas, me ajudando a alcançar o melhor resultado possível. Sou muito grato por ter aceitado estar comigo durante essa etapa.

Ao Instituto Presbiteriano Gammon que foi minha escola desde a infância e me ajudou tanto no meu crescimento intelectual quanto humano e me presenteou com bons amigos e colegas que tenho imenso carinho.

Por fim, a todos que estiveram comigo durante esse período e que de alguma forma contribuíram para o meu desenvolvimento. A todos vocês, meu muito obrigado!

“E tenho comigo pensado
Deus é Brasileiro e anda do meu lado
E assim já não posso sofrer no ano passado

Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro
Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro”
(BELCHIOR, 1976)

RESUMO

A realidade enfrentada pela comunidade LGBTQIA+ é de extrema importância e relevância para se pensar em um caminho que leve a uma sociedade mais igualitária. Considerando que estas pessoas vivem em meio a casos de mortes e agressões, tanto físicas quanto verbais, é possível levantar discussões como o desrespeito, tanto político quanto social, com o grupo. Lidar com isso, em muitos casos, é lidar com o despreparo de órgãos competentes, que não apresentam espaços adequados para a realidade vivenciada pela comunidade, que deveriam e poderiam proporcionar acolhimento e atendimento necessários a eles. Dessa forma, esse portfólio tem como objetivo apresentar diferentes perspectivas acerca da comunidade LGBTQIA+, trazendo enfoque também para a Arquitetura sendo considerada um elemento transformador para tal grupo. Por fim, são apresentados alguns exemplos de estudos de caso e a problemática que envolve pensar um centro de acolhimento LGBTQIA+ em uma cidade média do interior de Minas Gerais.

Palavras - chave: acolhimento; comunidade LGBTQIA+; representatividade; arquitetura.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Capa do jornal Lâmpião da Esquina, edição 13 (junho de 1979)	17
Imagem 2 – Prisioneiros considerados pelo governo como gays nos campos de concentração nazistas com a identificação de um triângulo rosa invertido em suas vestimentas	18
Imagem 3 – Parada Gay em São Paulo na Avenida Paulista	27
Imagem 4 – Bandeira LGBTQIA+	33
Imagem 5 – Perspectiva externa do projeto, mostrando os três blocos que se interligam	35
Imagem 6 – Localização do empreendimento, mostrando sua inserção no espaço e a via que circula o <i>Sticky Fingers</i>	36
Imagem 7 – Perspectiva interna da edificação	38
Imagem 8 – Perspectiva interna mostrando a inserção dos pátios internos no projeto	39
Imagem 9 – Espaço chamado <i>Pride Hall</i> , mostrando a relação do interno com o externo	42
Imagem 10 – Perspectiva externa do empreendimento, mostrando o vidro como elemento principal	43
Imagem 11 – Perspectiva externa que representa a estratégia luminotécnica empregada	44
Imagem 12 – Perspectiva externa mostrando parte da iluminação interna do projeto	44
Imagem 13 – Perspectiva externa da Moradia Casa 1	46
Imagem 14 – Fachada do Galpão Casa1	47
Imagem 15 – Centro Cultural Casa 1 sediando um dos seus eventos da comunidade	48
Imagem 16 – Perspectiva externa da Clínica Social Casa 1	49
Imagem 17 – Imagem de satélite da cidade de Lavras, Minas Gerais	54
Imagem 18 – Relação dos espaços acadêmicos e o terreno idealizado para o projeto	55
Imagem 19 – Localização dos espaços de assistência em Lavras	56
Imagem 20 – Representação do terreno (demarcado em branco), com as vias circundantes	57
Imagem 21 – Vista do interior do terreno idealizado	61
Imagem 22 – Vista de uma das áreas com vegetação próximas ao terreno	62
Imagem 23 – Vista panorâmica do interior do terreno	66
Imagem 24 – Trecho do perímetro do terreno na Avenida Dr. Silvio Menicucci	67
Imagem 25 – Cercamento rompido no perímetro do terreno na Avenida Perimetral	68
Imagem 26 – Iluminação pública presente na Avenida Dr. Silvio Menicucci	69
Imagem 27 – Vista da Rua Maurício Andrade Rezende	69
Imagem 28 – Visão do cruzamento entre a Rua Elbert Vilela e a Rua Maurício Andrade Rezende	70

Imagem 29 – Trecho da calçada da Rua Maurício Andrade Rezende sem calçamento	71
--	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Representação do corte da edificação	37
Figura 2 – Representação de um esquema da setorização com sua respectiva volumetria.....	40
Figura 3 - Planta do pavimento térreo com sua setorização	41
Figura 4 – Representação dos tipos de vias e os sentidos dos seus fluxos.....	58
Figura 5 – Zoneamento do perímetro em estudo	59
Figura 6 – Mapa de vegetação do entorno do terreno escolhido para receber a proposta projetual.....	60
Figura 7 – Mapa de usos.....	63
Figura 8 – Diagrama de ventilação e insolação com terreno em análise destacado .	64
Figura 9 – Diagrama das curvas de nível com o terreno em análise destacado	65
Figura 10 – Proposta do Programa de Necessidades	72

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I – REVISÃO DE LITERATURA.....	15
1.1 Comunidade LGBTQIA+.....	15
1.2 A LGBTfobia e as políticas de apoio.....	19
1.3 A relação entre cidade e o corpo.....	23
1.4 Representatividade LGBTQIA+: passado e presente.....	26
1.5 Arquitetura como acolhimento.....	30
CAPÍTULO II - ESTUDOS DE CASO.....	35
2.1 Estudo I - <i>Sticky Fingers</i> , França.....	35
2.2 Estudo II - Los Angeles LGBT Center – Anita May Rosenstein Campus.....	39
2.3 Estudo III - Casa 1.....	45
CAPÍTULO III – PROBLEMÁTICA.....	50
3.1 – A vulnerabilidade da comunidade em meio a LGBTfobia.....	50
3.2 – Ausência de espaços de atendimento e acolhimento no Brasil.....	51
3.3 – A realidade da comunidade em Minas Gerais.....	52
CAPÍTULO IV – PROPOSTA.....	54
4.1 Análise e diagnóstico.....	54
CONCLUSÃO.....	73
Referências Bibliográficas.....	74
Anexos.....	Erro! Indicador não definido.

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, ser homossexual era ser considerado como uma pessoa doente. Apesar disso, há um pouco mais de 30 anos, em 17 de maio de 1990, a OMS (Organização Mundial da Saúde) retirou a homossexualidade como Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID). Pode-se considerar como um avanço para a comunidade ¹LGBTQIA+, mas mesmo assim, situações que envolvem o preconceito, aliado a discriminação e agressão, em diversos casos, ainda são vistas e vivenciadas constantemente em diversos lugares do mundo. No Brasil, infelizmente essa situação ainda é mais preocupante, uma vez que, de acordo com o Observatório de Mortes Violentas de LGBTQIA+ no Brasil, o nosso é um dos países que mais mata pessoas dessa comunidade no mundo todo, ultrapassando nações como Oriente e África.

Entender qual o espaço que esta comunidade ocupa nas cidades, analisando os conflitos e os problemas enfrentados, auxilia na investigação de possíveis alternativas, aliadas à arquitetura e ao urbanismo, para vislumbrar uma real inserção destas pessoas no meio em que habitam, pois ainda que possam existir particularidades entre os municípios, a situação da violência e da homofobia é algo recorrente no país como um todo.

A partir da situação exposta, este portfólio se objetiva a aprofundar e entender como essa minoria passou a ocupar um espaço tão amplo e diverso nos meios que está inserida, mesmo sendo discriminada, agredida e, por muitas vezes morta, tanto no Brasil quanto em outros países. Intenciona-se, ainda, o desenvolvimento de uma proposta projetual que culmine em um espaço de acolhimento voltado especificamente para esse público, de todas as faixas etárias, no município de Lavras, em Minas Gerais. Entende-se que a cidade necessita de um olhar sensível

¹LGBTQIA+: movimento que busca trazer maior representatividade e direitos para essa comunidade. Cada letra dessa sigla representa um grupo de pessoas, sendo lésbicas, gays, bissexuais, transgênero, queer, intersexo e assexual; o símbolo + representa diferentes identidades de gênero e orientações sexuais que não se encaixam nos grupos anteriores (FOLHA, 2021)

sobre o assunto, visto que tem como característica ser uma cidade universitária, podendo abrigar muitos membros da comunidade LGBTQIA+, por receber uma diversidade grande de estudantes de todos os cantos do país.

Por mais que seja possível encontrar alguns espaços de acolhimento na região sudeste do país, como em São Paulo, nas cidades próximas a Lavras essa realidade ainda é um pouco adversa, pois tais locais não são facilmente identificados, tornando isso um agravante. Ademais, por mais que seja possível perceber que existem alguns ambientes de maneira dispersa na cidade para atendimento a população em geral, como hospitais, consultórios ou clínicas, a centralização de um empreendimento que fizesse um adensamento dessas funções e que transmitisse segurança aos usuários, de maneira mais acolhedora, humana e menos intimidadora, facilitaria o atendimento tanto das questões físicas, quanto psicológicas, decorrentes das situações de violência.

A partir disso, este portfólio se estrutura de modo a vislumbrar a possibilidade de uma proposta projetual que entenda as dificuldades e necessidades da comunidade LGBTQIA+, tendo acesso a ambientes de qualidade, integrando com a sociedade e trazendo à tona debates pouco difundidos, mas de extrema importância ao se pensar na arquitetura como agente transformador e de relevância social. Desse modo, visando alcançar ao que se propõe, a pesquisa se estrutura da seguinte maneira:

O Capítulo I tem como objetivo a contextualização da temática envolvendo a comunidade LGBTQIA+, desde o que se pode considerar como sua origem. Posteriormente, serão apresentadas as dificuldades cotidianas, auxiliadas por dados quantitativos que ajudam a ilustrar ainda mais a situação, além das políticas públicas de apoio que buscam garantir salubridade aos seus membros. Somado a isso, será debatido o corpo como principal meio de experimentação do indivíduo, que deve ser visto e cuidado, representando essa importância de se identificar consigo e com o espaço que frequenta. Outros aspectos a serem tratados são a representatividade da comunidade, considerando os contextos culturais, sociais e econômicos e como a arquitetura pode ser um agente facilitador de transformações e acolhimento.

O Capítulo II se fundamenta em estudos de caso de projetos já existentes com temáticas próximas do assunto abordado, a fim de serem guias para o

desenvolvimento da proposta em si, servindo como apoio arquitetônico, estrutural e técnico, auxiliando no entendimento do que é considerado particularidades e possibilidades.

No Capítulo III a intenção é entender os motivos para a ausência de tais espaços nas cidades e o que essa falta implica a quem necessita de tais serviços. Esses estudos, por mais que sejam oriundos de situações recorrentes em diversas cidades do país, devem ser analisadas de maneira detalhada e de acordo com a realidade de cada uma delas; assim sendo, essa análise parte de estudos mais generalizados afinando até a realidade encontrada na cidade que é objeto de estudo deste portfólio, no caso, Lavras, Minas Gerais.

Por fim, no Capítulo IV, busca-se apresentar uma compilação de todo material já abordado, visando a proposta de um centro de acolhimento para Lavras, entendendo o local mais adequado para a sua implantação e reunindo informações necessárias para o entendimento da funcionalidade e demais informações antecedentes ao projeto de arquitetura e urbanismo.

CAPÍTULO I – REVISÃO DE LITERATURA

1.1 Comunidade LGBTQIA+

De acordo com Guedes (2020), nos Estados Unidos, durante muito tempo, ser membro do grupo LGBTQIA+ e se relacionar com pessoas do mesmo sexo, como andar de mãos dadas, dançar ou até mesmo beijar em locais públicos era considerado ilegal. Como consequência, lugares privados eram utilizados por essa comunidade como uma alternativa para poder se relacionar e expressar. Em contrapartida, a cidade ainda não autorizava a venda de bebidas alcoólicas para essas pessoas, justificando que a ingestão de álcool aliada ao encontro desses membros causavam “desordem”, seja nos estabelecimentos ou também nos espaços públicos. A polícia, por conta disso, fazia inspeções regulares em toda a cidade, a fim de evitar possíveis problemas. Foi em uma dessas “visitas” que se deu o início do movimento LGBT.

Ainda segundo Guedes (2020), no dia 28 de junho de 1969, dia que ficou conhecido pelo *Stonewall Riot* (em português, Rebelião de *Stonewall*) a polícia chegou ao estabelecimento conhecido como *Stonewall Inn* e prendeu 13 pessoas, entre elas frequentadores do estabelecimento e até mesmo funcionários. A partir disso, algumas pessoas que estavam fora do espaço, indignados com a maneira que a polícia tratou quem foi preso, começaram a revidar. A confusão deu início a partir do momento em que a polícia, ao imobilizar uma mulher, pressionou sua cabeça numa viatura e como reação, ela começou a pedir para quem estivesse ali, jogassem objetos nos oficiais; por consequência, eles se deslocaram para dentro do bar e só foram auxiliados a partir do momento que chegaram novas viaturas e ambulâncias no estabelecimento.

A partir de então, o movimento passou a ganhar força: anteriormente, quando as vistorias eram realizadas, o povo se dispersava; naquele momento, entretanto, todos se uniram e revidaram, dando início ao que se considera como uma rebelião, dando início a um momento que entraria para a história, que seria

marcado pelo povo lutando contra um governo que oprimia, discriminava e perseguia a comunidade LGBTQIA+. Esse dia, 28 de junho, se tornou tão importante mundialmente que é considerado o Dia Internacional do Orgulho LGBT, considerando o *Stonewall Riot* o marco inicial do movimento contemporâneo, como menciona Guedes (2020).

No Brasil, o movimento também alcançou grande expressão e ganhou mais visibilidade a partir de 1964, quando o país enfrentou o regime da Ditadura Militar, período em que o governo reprimiu as mais diversas formas de expressão tanto individuais, quanto coletivas, desde a música, até poesias, por exemplo. Aliado a isso, os militares ainda prezavam passar uma imagem conservadora para a população, baseada na binaridade juntamente com a heteronormatividade, excluindo, assim, todos os demais grupos da bandeira LGBTQIA+, fato que dificultou e impôs novos conflitos à comunidade, como menciona Quinalha (2020).

A partir das reações populacionais contra as medidas apontadas pelo governo, e com o objetivo de trazer maior visibilidade ao movimento, aliado a demais grupos como mulheres e negros, surge o MHB (Movimento Homossexual Brasileiro) que foi inspirado na origem de um grupo em São Paulo, denominado “Somos – Grupo de Afirmação Homossexual”. Com esses movimentos, sendo um deles de abrangência nacional, começa a circular o jornal conhecido como *Lampião da Esquina* (1978-1981), representado pela Imagem 1, contendo abordagem principalmente homossexual, apresentando, também, diferentes e importantes questões sociais; o principal objetivo era expor a violência contra a comunidade LGBT, como cita Quinalha (2020).

Imagem 1 - Capa do jornal Lampião da Esquina, edição 13 (junho de 1979)



Foto: Grupo Dignidade, 2019

A união de dois coletivos que também lutavam pela visibilidade e manutenção dos direitos civis da comunidade LGBT resultou também em um jornal, mas desta vez com um viés feminino, principalmente lésbico. Tal jornal, fruto da união entre o Lésbico-Feminista e o Ação Lésbico-Feminista, em 1981, tem origem o Chanacomchana e foi vendido e distribuído no Ferro's Bar, ambiente conhecido por ter público em sua maioria lésbico. A venda, por sua vez, causou insatisfação pelos proprietários do estabelecimento, que expulsou as pessoas que faziam parte dos movimentos, ocorrendo o chamado *Stonewall* brasileiro. Tal acontecimento, em 19 de agosto de 1983, é o marco para o orgulho lésbico, sendo considerado feriado estadual em São Paulo, finalizando Quinalha (2020).

É importante salientar que ainda que se considere tais datas como marcos para a comunidade LGBTQIA+, essas pessoas sempre estiveram sob ataques, dos mais diversos regimes e políticas. Um exemplo disso pode ser apontado durante as barbaridades ocorridas principalmente na Alemanha, em meados de 1920, nos campos de concentração da segunda guerra mundial, no conhecido Holocausto, que vitimou também gays e lésbicas. Marcados com triângulos invertidos em suas vestimentas, gays com cor rosa (Imagem 2) e lésbicas (também chamadas de “antissociais”) com cor preta, foram submetidos aos mais diversos tipos de tortura,

castração, terapias de choque, lobotomia e além disso, estupros corretivos, com a justificativa de que a homossexualidade era uma doença mental e por consequência teria tratamento (STOODI, 2021).

Imagem 2 – Prisioneiros considerados pelo governo como gays nos campos de concentração nazistas com a identificação de um triângulo rosa invertido em suas vestimentas



Fonte: Wikimedia Commons, 2022

Adentrando um pouco mais a história e comprovando que essa luta não é algo recente e característico apenas do período atual, vale ressaltar alguns acontecimentos que antecederam estes que foram marcos para a contemporaneidade. Para algumas civilizações, por volta de 1200 a.C., a homossexualidade era aceita. Contudo, com o passar dos anos, relações homoafetivas eram punidas, em diversos casos, com pena de morte, sendo que em alguns países europeus que dominavam áreas ao redor do planeta, difundiram essas ideias também pelas suas colônias. Dito isso, pensar que, por mais que seja um pensamento ultrapassado, tais atitudes ainda permeiam o imaginário humano e algumas ações ainda traduzem comportamentos atuais nos mais diversos países. Agressões, discriminações, torturas e injustiças são somente algumas das diversas situações recorrentes que a comunidade enfrenta nas mais diversas esferas que ela frequenta (STOODI, 2021).

Por mais que esses tipos de situações ocorram de maneira frequente nas mais diversas localidades, não só do Brasil, mas do mundo, pensar em políticas públicas de suporte e apoio é de suma importância. Diante disso, o próximo subtítulo

tem o objetivo de mostrar quais são os mais diversos tipos de situações que a comunidade convive, apresentando dados quantitativos e em contrapartida, apresentar quais são e o que essas leis buscam assegurar para esse grupo.

1.2 A LGBTfobia e as políticas de apoio

Fobia, como se sabe, é o medo exagerado a alguma coisa, podendo ser de animais ou situações, causando no indivíduo sensações negativas, como terror e pânico. No contexto em questão, o sufixo faz relação direta com o preconceito e a discriminação sofridos pela comunidade (MELLO et al., 2012). Dito isso, pensar na LGBTfobia, é relacionar diretamente com essa aversão aliada a intolerância contra quem não segue o padrão heteronormativo proposto pelos ideais mais conservadores (SILVA et al., 2021).

Dias (2012) menciona que, durante muito tempo, o termo homofobia era utilizado somente para designar situações envolvendo os homossexuais, mas com a popularização do termo, passou a englobar todos os tipos de situações de ódio e rejeição envolvendo os demais grupos da sigla, sendo assim, abrange também as lésbicas, bissexuais e transexuais.

Começando uma análise mais detalhada sobre a LGBTfobia, pode-se dizer que é uma situação que existe de forma recorrente nas mais diversas atmosferas, seja no Brasil ou no mundo. Essa situação, em muitos casos, vai além do que da violência (verbal, física ou psicológica) e da discriminação, levando a mortes em diversos casos. De acordo com Mendes e Silva (2019), a partir de dados da *Transgender Europe* (TGUE), no período correspondente entre 2008 a 2017, o país registrou o maior número de mortes de transgêneros, dados que ultrapassam 2600 casos, numa análise que envolvia 71 países. Aliado a isso, dados do Grupo Gay da Bahia (GGB) reafirmam essa informação e ainda complementam, mostrando que o Brasil tem maior quantidade de registros de crimes letais de LGBT do mundo, totalizando 420 casos em 2018, ultrapassando nações como México e Estados

Unidos, que vem logo em seguida. Tais dados fornecidos pelo GGB permitem concluir que a cada 20 horas, uma pessoa da comunidade é assassinada.

De acordo o portal Atlas da Violência do ano de 2019, vinculando resultados de duas fontes, sendo elas o Disque 100 e Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), num estudo realizado especificamente sobre a violência sofrida contra a comunidade LGBT, foram obtidos os seguintes resultados: pelo Disque 100, no ano de 2017, ao total, foram registradas mais de 1700 denúncias e, dentre elas, quase 200 delas foram de homicídios, quase 20 de tentativas e pouco mais de 420 de lesão corporal. Já pela outra fonte de dados, o SINAN, no ano anterior, os casos relatados envolvendo homossexuais e bissexuais foi próximo dos 6800 e desse total, mais da metade foram relatados violência física, além de menções sobre violência psicológica e tortura.

De acordo com Mendes e Silva (2019), por mais que os dados dessa análise sejam apresentados de maneira quantitativa, vale ressaltar que não há nenhum órgão governamental que faça esse tipo de registro e a divulgação das informações. Dito isso, diante da subnotificação dos casos, acredita-se que a cada caso de homicídio registrado, existe outros dois que não foram relatados; no Brasil, estima-se que essa proporção seja ainda maior. A partir disso, essas informações são analisadas a partir de dados fornecidos pelo Grupo Gay da Bahia, Organização não Governamental (ONG), que tem papel fundamental no estudo e no registro de homicídios e suicídios desde os anos 1990, incluindo análises de possíveis casos de LGBTfobia.

A análise de informações do artigo em questão permite concluir que os principais locais dessas fatalidades giram em torno das vias públicas ou na casa das próprias vítimas. Além disso, os autores fazem o uso de armas, sejam elas de fogo ou armas brancas, além de espancamentos e asfixias, sugerindo o que se chama de *hate crime* (em português, crime de ódio). Agora, sobre as vítimas, os que mais vivenciaram essa situação foram os gays e os transgêneros de cor branca ou parda, com idade entre 20 e 49 anos, ressaltando a informação de que o segundo grupo apresenta menor faixa etária, como analisam Mendes e Silva (2019).

Complementando as informações anteriores, entrando em outra análise dos dados, apresentados por Mendes e Silva (2019), os homicídios tiveram um

considerável aumento nas cidades brasileiras, quando estudados no período compreendido entre 2002 e 2016, sendo datadas inicialmente situações em 158 municípios, finalizando em 558: um aumento de aproximadamente 3,5 vezes. Aliado a isso, durante esse mesmo período de estudo (2002-2016) numa observação mais específica das cidades brasileiras, tanto nas capitais quanto nas cidades de interior, a taxa de homicídios foi semelhante, levando em consideração o número de vítimas por cada 100 mil habitantes: em Goiânia, Goiás e em Uberaba, Minas Gerais, percebe-se uma diferença de 0,78, sendo que a cidade mineira apresenta uma média maior, de 21, enquanto a capital tem índice de 20,22.

Outra análise possível de ser feita é sobre a cidade de Simões Filho, na Bahia. Seu índice gira em torno de 20,3, e sua população, atualmente é de aproximadamente 140 mil habitantes, número próximo da cidade de inserção do projeto a ser desenvolvido, totalizando em torno de 105 mil. Tais dados nos mostram que é uma realidade que vem ganhando maior recorrência em diversos locais do Brasil e do mundo, não sendo restrita a somente grandes cidades, assim como vem ocorrendo também em municípios de menor porte no cenário nacional, finalizam Mendes e Silva (2019).

Pensando em estratégias de prevenção, a fim de evitar situações como as descritas anteriormente, a educação pode ser uma das ferramentas para alcançar tal objetivo. A partir disso, a escola que já atua sendo um espaço que serve aprendizado do ensino básico, passa a atuar agora também como um ambiente de convivência, que se volta para a construção subjetiva dos seus alunos. Nesse sentido, há alguns anos, o projeto chamado Escola sem Homofobia lançou um material educativo que ficou conhecido como “kit educativo anti-homofobia” que seria distribuído em diversas escolas públicas do país. Esse kit, resultado da união de diversas ONG’s juntamente com o financiamento pelo MEC, teve resistência de parlamentares conservadores e religiosos, impedindo a distribuição no ambiente escolar com a justificativa de que fazia apologia a homossexualidade entre os jovens e de que também estimularia a pedofilia (MELLO et al., 2012).

Apesar dessa ferramenta ter sido bloqueada e pejorativamente chamada de “kit gay”, percebe-se uma certa preocupação de instituições que buscam preparar os educadores para auxiliá-los a lidar com possíveis e prováveis situações nas

instituições de ensino, com as diversidades do dia a dia, sejam elas étnico-raciais, religiosas e nesse caso, da sexualidade. Diante disso, percebe-se que a partir de 2006, em um vínculo entre o Governo Federal com estados e municípios, dois cursos foram ofertados com essa temática, sendo eles Saúde e prevenção nas escolas (SPE) e Gênero e diversidade na escola (GDE). Em 2007, estimulando discussões sobre o assunto, foram lançados livros por meio do Governo Federal, dando ênfase sobre o enfrentamento do preconceito vinculados a orientação sexual e a identidade de gênero nas escolas. Além disso, colaborações entre ONG's e o próprio governo, resultaram em materiais pedagógicos vinculando adolescentes, educadores e as famílias, com o objetivo de apresentar temas, como por exemplo o combate a LGBTfobia e o respeito a diversidade sexual, acrescenta Mello et al. (2012).

Tais iniciativas estão tendo suas funções invertidas, uma vez que a sociedade civil passa a assumir uma situação de protagonismo frente a essa situação. A função do povo seria basicamente cobrar e monitorar o que deveria ser realizado pelo poder público e que, mesmo assim, sendo um elemento chave na realização dessas atitudes, podem ser dificultadas de serem implantadas e executadas, principalmente por ideais religiosos e conservadores, finaliza Mello et al. (2012).

Por mais que essas dificuldades impeçam muitos objetivos de serem concretizados, algumas conquistas já foram alcançadas pela comunidade LGBTQIA+. A primeira delas, em 1985, veio quando o Grupo Gay da Bahia, atuando com psicólogos e psiquiatras, conseguiu por meio do Conselho Federal de Medicina, retirar a homossexualidade da lista de doenças; 5 anos mais tarde, a OMS (Organização Mundial de Saúde) viria a fazer o mesmo, só que em escala mundial, como apresenta Fábio (2021).

Ainda na década de 1980, como continua Fábio (2021), o termo “orientação sexual” estava ganhando mais espaço sobre a expressão “opção sexual”, principalmente entre gays, lésbicas e bissexuais. A partir daí, o Grupo Triângulo Rosa, do Rio de Janeiro, buscou inserir na Constituição de 1987 o termo em 2 aspectos sendo eles o artigo que veta a discriminação por “origem, raça, sexo, cor e idade” e também no que proibia diferenças salariais por “sexo, idade, cor ou estado

civil”. Apesar da tentativa, o pedido não seguiu adiante, porém foi adotada, posteriormente, por algumas legislações municipais e estaduais.

Além disso, outros diversos objetivos foram alcançados, sendo eles a união e o casamento civil por pessoas do mesmo sexo; a denominada “cirurgia de mudança de sexo”, que inclusive pode ser realizada pelo SUS (Sistema Único de Saúde); o nome social, que hoje já é aceito em diversas instâncias; a mudança no registro civil, autorizando transgêneros a mudar seu nome e sexo em cartório; a despatologização da transexualidade em 2018 (PINHEIRO; TEIXEIRA, 2020); a criminalização da LGBTfobia, que se enquadra como racismo, até que o congresso aprove uma lei específica voltada para a comunidade; por fim, mais recentemente, foi derrubada uma lei que proibia homossexuais de doarem sangue, com a justificativa de evitar a transmissão do vírus da AIDS, finalizando Fábio (2021). Finalizando, é possível perceber que algumas dessas conquistas foram alcançadas recentemente; para alguns, são feitos simples, mas para a comunidade são objetivos que garantem maior segurança, proteção, inclusão e liberdade nos mais diversos aspectos do cotidiano.

Por fim, percebe-se que, mesmo havendo políticas que assegurem maior salubridade para o grupo LGBTQIA+, a partir dos dados apresentados, a situação da violência é preocupante e não há lugar específico para tais fatalidades serem realizadas, todos os ambientes, cidades e estados estão suscetíveis a isso. Pensando nisso, sabendo que o espaço em si é frequentado por diversas pessoas, de diversos tipos e diversas localidades, o próximo item surge com a temática de apresentar como esses espaços são ocupados e frequentados, mostrando a importância deles, para as pessoas e para a cidade.

1.3 A relação entre cidade e o corpo

Como já exposto anteriormente, durante muito tempo ser diferente do padrão heteronormativo era considerado doença, e em outros casos era crime, punidos com pena de morte, inclusive. A partir disso, Guedes (2021) apresenta que,

como alternativa para enfrentar essas situações, sabendo que o corpo, sendo o primeiro e principal abrigo de cada indivíduo, estava em risco ao se expressar publicamente, amedrontava (e ainda amedronta muitas pessoas), espaços privados passaram a oferecer mais atratividade para essas pessoas como meio de socialização, entretenimento e descontração de toda a rotina que a pessoa tinha que levar escondida em meio a sociedade.

A partir dessa temática entre abrigo, espaço e corpo, como é possível fazer uma análise sobre como o ambiente tem relação com a convivência das pessoas que o frequentam. Inicialmente, o corpo humano é o primeiro contato com o espaço que frequenta, sendo esses locais tendo início nos ambientes de menor, até os que tem maior abrangência espacial, que por natureza promovem maiores estratégias de convívio; tais espaços, mesmo distintos, mantêm um vínculo entre si, apesar de suas diferenças entre usos, pessoas e experiências. Sendo assim, a casa surge como o primeiro espaço de convívio em que o ser começa a desenvolver suas relações com os indivíduos e também suas primeiras referências. Saindo do ambiente privado, o indivíduo percorre o espaço de convívio que vem logo depois: a rua, que por sua vez, começa a ser o estágio de contato maior com o entorno, seja com os vizinhos ou até mesmo com novas experiências. Posterior a isso, o bairro é o próximo momento de relações, nesse caso, um pouco mais amplas, porém mais diferenciadas. Em seguida, a cidade se torna um ambiente mais amplo a ser vivenciado, em que as sensações e trocas são as mais diversificadas, um espaço multifacetado e múltiplo, como cita Carlos (2014).

Inicialmente, Backes (2020) apresenta uma análise iniciada por Schopenhauer, em que a vontade é o principal elemento que tem como objetivo trazer sentido das coisas e do mundo. Além disso, a união entre esses dois elementos, a vontade juntamente com o corpo, surge a vontade da vida, que se manifesta em toda a natureza, em seres conscientes ou não, dotados de razão ou não, que apresenta a experimentação dos espaços como um dos resultados desse desejo de viver.

Carlos (2014) acrescenta que, outra associação que se faz necessária para a interação entre corpo e espaço é a necessidade do ser humano fazer parte do ambiente para ele ganhar maior relevância. Espaços como parques, restaurantes e

museus, poderiam ser somente mais um lugar qualquer, mas as pessoas dão a devida importância que ele merece, prestigiando e frequentando da maneira que lhes é adequada. Nesse sentido, a cidade passa a ser apropriada por pessoas, dando um uso a ela da maneira que quem vive considera necessária, de acordo com o uso do espaço que ela oferece.

Aliado a isso, Carlos (2014) ainda menciona que o espaço público, nesse sentido, surge como o local de pertencimento a um determinado espaço vinculado a uma comunidade que o frequenta. Tal ambiente que surge também com a finalidade de discussões acerca do futuro, com a participação de todos. Espaço esse que pode servir para diversas finalidades como reuniões, vendas, encontros, entretenimento e de aproximar membros de uma mesma comunidade, entre tantas outras possibilidades. Dito isso, percebe-se que esse espaço, em diversas situações, é privado de quem faz parte da comunidade LGBTQIA+, e por isso, temos diversas manifestações, indagações e questionamentos que objetivam promover cada vez mais essa aceitação nos espaços que frequentam.

A partir dessa temática de medo e fragilidade, pode-se fazer uma relação entre o corpo e como ele lida com esses sentimentos que, de certa maneira, ficam retidos dentro do ser. Portanto, o corpo é um elemento material e físico, que só existe dentro do espaço, mas lidar com o que é mais profundo, pode ser mais complexo do que se imagina, fazendo com que sentimentos como crueldade, inveja, medo e agressividade, não sejam expressados de maneira direta e objetiva, fazendo com que outros meios sejam utilizados com tal finalidade, como a arte, nos mais diversos espaços, sejam eles físicos ou virtuais, de maneira geral (SHOPENHAWER, 2005 apud BACKES, 2020). Nesse sentido, essa apropriação do espaço físico, de maneira mais específica, traz consigo uma reflexão, que apresenta o espaço como uma visão particular de cada um, sendo que o mundo exterior depende dos olhos de quem vê (SANTEM, 2016 apud BACKES, 2020).

A partir dessa temática, outra questão a ser abordada é sobre como esses espaços passam a ser utilizados pelos corpos da cidade. Esse uso, de acordo com a temática capitalista, atrai a comunidade, de maneira geral, para os locais de uso privado, dando exemplos como os shoppings das cidades. Desse modo as pessoas iriam para um lugar cercado de comércios, tornando qualquer encontro, por mais

rápido que fosse, bem mais atrativo, economicamente falando. Por outro lado, além do lado financeiro, o espaço privado, assim como antes, se torna um diferencial por ser considerado mais seguro que um espaço público e aberto, pensando nos pontos já abordados anteriormente, finaliza Carlos (2014). Saber que você está num ambiente mais fechado, contribui na ideia de proteção, quando comparado com uma praça, por exemplo, que não proporciona o mesmo, em alguns casos. Os dados apresentados anteriormente reafirmam essa ideia: as vias públicas são um dos espaços que mais membros da comunidade são mortos; informação que faz com que esses tipos de espaços se transformem em lugares menos atrativos para o público LGBTQIA+.

Finalizando, sabe-se que essa luta é discutida e ganha cada vez mais influência graças à mídia, o próximo item objetifica-se a mostrar como essa visibilidade se torna um elemento fundamental para o surgimento do termo “representatividade” que é tão difundido, dadas as circunstâncias que são vivenciadas dia após dia em nosso país.

1.4 Representatividade LGBTQIA+: passado e presente

Representatividade, de acordo com Andrade (2020), aliado ao conceito de existente no Dicionário de Política de Norberto Bobbio, denomina-se a determinadas situações em que ocorre a expressão de determinados interesses de um grupo. Dito isso, esse termo tem por objetivo abranger as minorias que buscam ganhar espaço nos mais diversos cenários que frequenta, como na política, televisão, cinema e esporte, por exemplo. Pensar nessa definição e nas diversas comunidades que buscam ganhar mais importância, auxilia a compreender e buscar resoluções possíveis para as questões atuais, como o combate ao racismo, questões relacionadas ao feminismo, reivindicações dos grupos indígenas e a própria luta da comunidade LGBTQIA+, que são somente algumas das bandeiras a serem levantadas a fim de ganhar mais visibilidade.

A partir do exposto, Guedes (2021) mostra que essa representatividade teve sua origem no *Stonewall Riot* e desencadeou uma série de movimentos. Inicialmente, sabendo da importância do local para a comunidade, em 2016, o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, considerando a área do Stonewall como uma marca para as lutas da comunidade, designou tal espaço como um monumento nacional. Além disso, um dos feitos mais importantes foi a realização da primeira parada gay, no ano de 1970. Tal ação teve início no bar onde ocorreu a rebelião e seguiu até o centro de Nova Iorque. A parada gay teve tanta repercussão que essa ação passou a se tornar um evento anual, não só nos Estados Unidos, como em outros países, sendo o Brasil um deles, como pode ser visto na Imagem 3 a seguir.

Imagem 3 – Parada Gay em São Paulo na Avenida Paulista



Fonte: Secretaria Especial de Comunicação Social (SECOM), 2022

No Brasil, a parada do orgulho gay que tem mais visibilidade é a de São Paulo, sendo considerada uma das maiores do mundo, realizada desde 1997, sendo que além da capital paulista, a parada também é realizada nas demais capitais dos estados brasileiros. Esse evento, que acontece de maneira anual, conta todos os anos com a presença de diversas pessoas engajadas com tais lutas, contra a discriminação, a LGBTfobia, as agressões, mortes e todas as situações que ocorrem

de maneira recorrente; além desse viés, surge também como uma fonte de conscientização, informação e aceitação (COSTA, 2021).

Historicamente, e acordo com Guedes (2021), após a Rebelião de *Stonewall*, no estado da Califórnia, tem-se o primeiro homem gay a adquirir um cargo político: Harvey Milk assumiu um dos cargos de supervisor da cidade além de fazer parte do poder legislativo, e futuramente, juntamente com o ativista Gilbert Baker, foi responsável pela criação da bandeira da comunidade LGBTQIA+. Por outro lado, na política brasileira, ano após ano, o número de membros tem aumentado consideravelmente, segundo Cerioni (2020). Dados apresentados pela Aliança Nacional LGBTI+ mostram que houve um aumento considerável no número de candidaturas; em 2016, eram 256 candidatos; quatro anos depois, esse número passou para 435, um aumento de aproximadamente 170% e desse total, aproximadamente 50% dos elegíveis são homens gays, seguidos por mulheres transexuais e lésbicas. Analisando os resultados, tais candidatos receberam aproximadamente 450 mil votos em todo o país, e foram eleitas 48 pessoas da comunidade, sendo 15 pessoas transexuais ou travestis, e 93 ficaram como suplentes, finaliza Borges (2020).

Em outro contexto, no voleibol, mais especificamente, uma nova conquista foi alcançada: a primeira atleta trans a jogar o campeonato nacional. Tiffany Abreu, em 10 de dezembro de 2017 fazia sua estreia na Super Liga brasileira, campeonato de maior visibilidade da modalidade no Brasil, expõe Zalcman (2020). Tiffany (2020) disse “Sofria sem ser quem eu era e agora sofro sendo quem eu sou” representa exatamente pensar que ter uma representante transexual traria maior representatividade seria o ideal, mas as consequências disso mostram uma realidade que muitas pessoas enfrentam nas demais esferas que convive. Os episódios de transfobia que a jogadora enfrentou e ainda tem que enfrentar mostram que são situações recorrentes e que requerem grande atenção, visto que anteriormente dados sobre violência e mortes foram apresentados e essa é somente uma situação dentre várias outras que não são relatadas. Por mais que esses episódios de transfobia tenham ocorrido, empresas com relevância internacional, nesse caso, a Adidas, sabendo sobre todo esse preconceito e discriminação, fez com que a atleta, juntamente com outras pessoas que já sofreram com situações

semelhantes, criasse uma campanha em todo o mundo, dando visibilidade e mostrando que o esporte pode ser algo transformador e encorajador (PADOVEZ, 2021).

Para Narciso e Ferreira (2021), no meio cinematográfico, seja por meio de filmes ou séries, pode-se perceber cada vez mais temáticas voltadas para a comunidade LGBTQ+ estão sendo retratadas. Tal situação teve início próximo de 1990, momento em que surge o movimento chamado *New Queer Cinema*, que consistiu na criação de filmes com a temática voltada especificamente em retratar a comunidade LGBTQIA+, ignorando, assim, os padrões heteronormativos que eram amplamente difundidos. Ainda assim, no período compreendido entre 1995 e 2011, o número de longas produzidos com esses assuntos chegou a somente 16, tendo um avanço somente após esse período, em que tais produções passaram a abordar temas relacionados a universidade e vida acadêmica vinculadas a debates sobre sexualidade e gênero.

Talvez uma das primeiras produções retratando o universo LGBTQIA+, mesmo que de maneira condenada, tenha sido um curta chamado *The Dickson Experimental Sound Film* (1895), em que dois homens aparecem abraçados dançando próximos a um violinista. Atualmente até poderia ser considerada uma situação normal, mas levando em consideração todo o contexto cultural e histórico da época, demonstrações de afeto entre dois homens eram extremamente criticadas. Anos depois, cenas gays presentes nas telas eram mostradas como algo cômico, como parte das atribuições de um vilão ou até mesmo com finais trágicos, reprimindo, na maior parte das vezes, cenas com sexo e nudez.

Recentemente, filmes passaram a demonstrar com maior fidelidade situações sobre a comunidade de maneira mais realista, como em *Moonlight* (2016), tendo ainda um protagonista negro que busca descobrir sua identidade. No Brasil, a obra Alice Júnior (2019), mostra a vivência de uma pessoa trans, de maneira suave e levemente cômica, sem diminuir ou desvalorizar a luta das pessoas transexuais e suas lutas diárias dessa comunidade. Além dessa, ainda é possível destacar mais uma produção: Hoje eu quero voltar sozinho (2010), cujo tema principal é um casal gay e como suas relações se desenvolvem a partir de momentos compartilhados entre si, sendo que uma das personagens apresenta deficiência visual, estreitando

cada vez mais seus laços. Tal obra, acabou sendo reconhecida mundialmente que recebeu o prêmio Teddy, que é destinado especificamente a obras LGBTQIA+ do Festival Internacional de Berlim, finaliza Narciso e Ferreira (2021).

No meio musical diversos artistas fazem parte dessa comunidade e em suas músicas retratam as vivências e, sempre que possível, buscam levantar pautas e discutir sobre assuntos que envolvam a comunidade LGBTQIA+. Nomes como Pablo Vittar, Glória Groove, Liniker e Linn da Quebrada são somente alguns deles, sendo que com a sua importância como artistas no Brasil, possuem também prestígio internacional. Nesse caso, por serem prioritariamente cantoras, em suas letras buscam retratar suas histórias e vivências, abrindo espaço para novas perspectivas para a sociedade. Em suma, percebe-se que nas mais diversas esferas culturais há pessoas engajadas com a causa e por terem maior visibilidade, buscam representar a comunidade nos locais que convivem além de expor o que se passa na pele de cada uma (NASCIMENTO et. al., 2021).

No município de Lavras, percebe-se que iniciativas foram tomadas afim de executar ações que assegurem respeito a diversidade sexual e de gênero, étnico-racial, cultural e territorial. Essa atitude tem como objetivo auxiliar no rompimento de barreiras institucionais que venham a barrar o acesso a saúde, que muitas vezes está associado diretamente ao SUS (Sistema Único de Saúde), que tem como princípios a equidade, com a finalidade de proporcionar atendimento mais digno a todos os seus usuários (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAVRAS, 2022).

Por fim, sabendo que a luta pela aceitação as vezes pode ser mais dolorida do que se imagina e sabendo que a arquitetura pode ser um elemento acolhedor, o próximo assunto a ser tratado, surge com o objetivo de mostrar estratégias que podem auxiliar tais espaços a promoverem essa sensação de abrigo e consequentemente, ambientes mais humanizados.

1.5 Arquitetura como acolhimento

Pensar em projetos de Arquitetura é favorecer e proporcionar a maior qualidade possível a quem faz o uso do espaço proposto, considerando conforto,

ergonomia e funcionalidade. A partir disso, surge o termo humanização, que segundo Mezzomo (2002) se caracteriza por realizar atividades que vão de encontro a dignidade e aos direitos da pessoa. A humanização é um direito de todos, independentemente de qualquer condicionante, seja ela física, social ou econômica. Complementar a isso, de acordo com Michaelis (Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa), Arquitetura é a arte e a ciência de projetar edifícios, aliados a compreensão plástica, técnica e funcional, surgindo em consequência a necessidades da sociedade, abrigando atividades humanas.

Somando esses dois conceitos, aplicados na maioria dos casos em estabelecimentos da saúde, pensar em espaços humanizados é idealizá-los a partir de propostas que considerem o maior conforto possível a qualquer pessoa que venha a frequentá-lo, dando ênfase exatamente ao usuário. Tais ambientes surgem com a proposta de fazer parte do processo terapêutico, uma vez que possuem influência na recuperação dos pacientes, pensando juntamente com os demais utilizadores do meio, como os profissionais da saúde (TOLEDO, 2005). É possível atribuir essa influência espacial por meio da escolha das cores, revestimentos, texturas, mobiliários e da vegetação, que são alguns dos elementos que podem proporcionar locais mais adequados para seus frequentadores (BOING, 2003).

Sabendo dessa necessidade de se projetar, a Arquitetura apresenta diversas vertentes que auxiliam na execução dessas construções, sendo a neuro arquitetura um dos exemplos do que pode ser feito de modo a proporcionar o maior conforto possível a quem usa, sendo ele espacial ou psicológico (GONÇALVES; PAIVA, 2018).

De acordo com Oliveira (2012), a experiência humana é resultado entre o vínculo de três esferas: o cérebro, a mente e a percepção individual. A partir disso, define-se o que seria basicamente a neuro arquitetura: a influência do espaço no corpo e na mente das pessoas, como resultado da interação entre os cinco sentidos (visão, olfato, tato, paladar e audição) e o que rodeia o indivíduo, podendo alterar, dessa forma, seu comportamento. Assim sendo, o corpo, o cérebro e o meio ambiente resultam em uma interação mais complexa do que se imagina, mostrando que a arquitetura tem influência direta no ser humano, como apresenta Gonçalves e Paiva (2018).

Ainda de acordo com Gonçalves e Paiva (2018), esse vínculo proposto pela neuro arquitetura, por mais que seja um termo que ganhou mais relevância nos últimos anos, desde a antiguidade já se pensava de maneira subjetiva nessa relação entre corpo e espaço. Iniciado por Vitruvius com a ideia de beleza, firmeza e utilidade, posteriormente com Alberti no Séc. XV, pensando em proporção e beleza (premissas do período do Renascimento), chegando nos chineses com o *Feng Shui*, propondo o equilíbrio entre os ambientes, alcançando novos arquitetos, como Le Corbusier que sugeria a criação de uma “máquina para viver”, sugerindo a criação de espaços voltados especificamente para quem vai utilizá-lo e por fim, Gropius, que idealizava que a forma deveria seguir a função. Todos esses exemplos mencionados anteriormente, mostram que hoje, estética, harmonia e funcionalidade são elementos básicos para todo projeto de Arquitetura, e todos eles ajudam a formar a percepção de cada indivíduo.

Sabendo desses conceitos, diversas técnicas podem ser empregadas em tais espaços a fim de proporcionar tais sensações. A partir disso, a primeira ideia vem do uso das cores e as sensações que elas passam quando entram em contato com o ser humano, desencadeando uma série de reações psicológicas, podendo ser elas conscientes e inconscientes ou até mesmo espaciais. Elas, além de proporcionarem diferentes volumes nos ambientes, servem também como estímulo mental aos usuários, sendo que cada uma tem algum estímulo distinto (PEREIRA, 2018).

Pensando na bandeira da comunidade, representada pelo arco íris na imagem 4, que apresenta seis cores e cada uma delas tem um poder distinto de interferir no consciente das pessoas. Seguindo a ordem da bandeira, o vermelho pode ser considerada uma cor que encoraja, torna-a ousada e poderosa; o laranja, cor da comunicação, criatividade e afetividade; o amarelo estimula o cérebro no processo de aprendizagem; o verde remete a natureza, que por consequência, proporciona liberdade e fluidez; o azul, por ser considerada uma cor que acalma, relaxa e esfria; por fim, a violeta estimula processos criativos, sejam eles musicais ou artísticos (LACY, 2000).

Imagem 4 – Bandeira LGBTQIA+



Fonte: Celestino, 2021

Segundo Costa (2013), vinculado ao uso das cores, a iluminação é um dos fatores que deve ser levado em consideração, pois não é possível desassociar tais conceitos, luz e cor. Inicialmente, essa iluminação deve ser pensada de maneira natural, sabendo de estratégias para essa aplicação em união com os seus benefícios, partindo para a artificial se necessário. Tais objetivos, implicam numa melhor qualidade e quantidade, beneficiando num menor consumo de energia elétrica e evitando empecilhos relacionados a ofuscamento e contraste. O uso da iluminação natural, além disso, fornece níveis de luz satisfatórios, levando em consideração a variação de cor durante o dia quando comparado à artificial. Por fim, níveis adequados de iluminação melhoram o bem estar dos ocupantes e, como resulta, seu bem estar.

A vegetação também pode ser empregada como artifício com a finalidade de tornar os espaços cada vez mais acolhedores. Nesse sentido, Backes (2020) apresenta que estar vinculado a natureza, é um dos meios de nos sentirmos em paz, de deixar escapar da mente o que nos atormenta. Pensando nessa conexão entre o ser humano e os espaços verdes, o autor cita como os cinco sentidos são trabalhados, a visão por meio da cor das plantas, equilibrando as cores a serem idealizadas num projeto; o olfato por meio do cheiro dissipado pelo ar; o paladar é

tratado de maneira que o indivíduo possa sentir o sabor dos elementos, das folhas, flores e frutos; a audição de forma a estimular a pessoa a ouvir o que a natureza proporciona, de maneira a aumentar o vínculo com o local e o tato de forma a estimular o contato físico entre a pessoa e os elementos naturais. Dessa forma, a jardinagem passa a ser um mecanismo terapêutico que pode ser empregado de forma a ajudar no processo de cura individual, facilitando o tratamento. Para tanto, esses jardins quando implementados em ambientes de tratamento, diminuem os sentimentos negativos, proporcionando tranquilidade a seus usuários e além disso, a existência de espaços verdes nesses tipos de espaços, humaniza ambientes que em sua maioria estão associados a frieza e também e hostilidade.

Finalizando, especialmente, Backes (2020) apresenta que uma das maneiras de lidar com o medo, nas mais diversas situações, é afastá-lo fazendo coisas simples como dançar, brincar, meditar, respirar e sorrir. Dessa maneira, tais espaços de tratamento, acolhimento e cuidado, devem não se restringir a somente atendimento clínico de maneira geral, apresentando também ambientes voltados para lazer, descanso e interação.

CAPÍTULO II - ESTUDOS DE CASO

2.1 Estudo I - *Sticky Fingers*, França

Executado na cidade de Lyon, na França, tal projeto, denominado de *Sticky Fingers* (nome de uma banda de *indie rock* australiana), concebido pelo *Rue Royale Architectes*, apresenta uma área geral de aproximadamente 2400m², distribuídos em três blocos com diversos setores, sendo eles o social, a creche, de jovens e as áreas comuns (RUE ROYALE, 2014). A ambientação externa do projeto pode ser vista na Imagem 5, a seguir.

Imagem 5 – Perspectiva externa do projeto, mostrando os três blocos que se interligam



Fonte: Sallet, 2014

Esse projeto tem como público alvo jovens do município europeu e por mais que estes apresentem necessidades distintas, tal projeto não se limita somente a esse grupo, se expandindo também a comunidade do entorno, sendo idealizada a utilização de pessoas de todas as idades, unindo reciprocidade e intimidade. O programa contempla uma creche, um *dojo*, sala para música, arte e informática, equipamentos para jovens e um centro social (RUE ROYALE, 2014).

Um estudo mais específico pode ser realizado a partir de quatro pontos de análise de projeto: urbano, paisagístico, arquitetônico e social. O primeiro deles, diz respeito a sua localização, principalmente quando pensado na sua inserção no

entorno. Inserido num bairro predominante residencial devido a sua ocupação no início do século XIX, blocos em meados de 1960 e também empreendimentos recentes moldaram o entorno imediato do edifício. Para sua execução, no ano de 2011, cinco edifícios foram demolidos, fazendo com que entrasse num plano de requalificação. Vinculado a isso, sua relação com o entorno apresenta uma preocupação principalmente sobre o impacto visual, uma vez que o projeto se insere próximo a uma curva e um declive, como pode ser percebido na Imagem 6 abaixo, tendo maior visibilidade devido a isso, sendo inclusive uma das preocupações do projeto: fazer com que ele se encaixasse com o já existente, se baseando em premissas como a leveza, pouca verticalidade e discrição (RUE ROYALE, 2014).

Imagem 6 – Localização do empreendimento, mostrando sua inserção no espaço e a via que circula o *Sticky Fingers*.



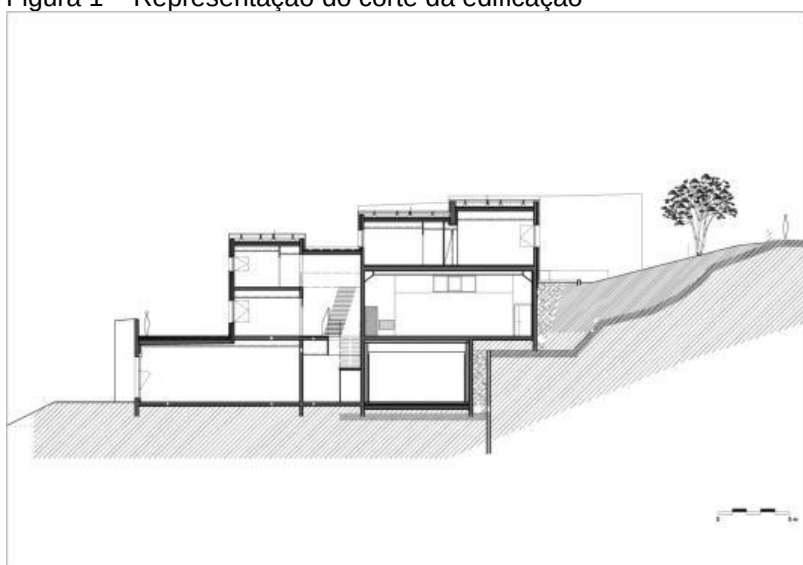
Fonte: Saillet, 2022

O segundo ponto, paisagístico, leva em consideração, além da vegetação, a paisagem da edificação e como ela conversa com seus arredores. A vegetação apresenta antigas e finas espécies de árvores que se integram ao projeto que, por sua vez, ajudam a envolver o acesso pela rua, além dos materiais utilizados, pensando também na continuidade da vegetação já existente, de forma que não causasse tanto impacto visual. Como mencionado, tem-se uma preocupação com o entorno e, nesse sentido, os materiais ajudam a proporcionar uma identidade própria, além de valorizar o que já está presente, como o concreto e a madeira, sendo que o concreto busca fazer referência aos muros de pedra da vizinhança e a

madeira que, a longo prazo, adquire tom acinzentado, conversando de forma mais direta com a redondeza (RUE ROYALE, 2014).

O arquitetônico, como o terceiro ponto, apresenta o edifício em si e como as estratégias foram adotadas a fim de proporcionar melhor conforto possível aos usuários. Inicialmente, tem-se três blocos interligados entre si, sendo que somente uma parte deles fica visível, valorizando a topografia existente, podendo ser percebido pela Figura 1 abaixo (RUE ROYALE, 2014).

Figura 1 – Representação do corte da edificação



Fonte: Rue Royale Architectes, 2014

A cobertura, sendo um dos elementos vistos, apresenta em sua estrutura a madeira, elemento já citado e que possui a tarefa de atribuir mais identidade. No seu interior, por ter uma diversidade de ambientes, nos pisos e nas paredes, cores neutras foram adotadas (Imagem 7), exceto na creche e no átrio, que proporciona iluminação natural. Além disso, para os diferentes frequentadores, cores específicas foram escolhidas com objetivo de estimular seus usuários (RUE ROYALE, 2014).

Imagem 7 – Perspectiva interna da edificação



Fonte: Sallet, 2022

Por fim, tem-se o ponto social, onde é possível perceber que a construção pode ser considerada um equipamento social devido ao programa de necessidades do ambiente, sendo que leva em consideração não só o público alvo (os jovens) mas também a comunidade do bairro que também frequenta tais espaços, sendo principalmente as instalações culturais e esportivas. Dessa maneira, integrando o ideal desses dois públicos, por mais que algumas decisões possam apresentar dificuldades na concepção, o resultado mostrou que o projeto tem capacidade de dar suporte a quem precisa e também a quem quer, sem distinções (RUE ROYALE, 2014).

Finalizando esse projeto, sua análise mais detalhada e específica foi realizada de maneira a agregar no projeto a ser desenvolvido principalmente devido a questões técnicas e algumas alternativas adotadas a fim de fazer um projeto que vai além de um público alvo em específico, se expandindo também a comunidade de maneira geral. Além disso, tal projeto inserido no centro de uma via que o circunda apresentando um desnível considerável foram questões levadas em conta, sendo o desnível trabalhado de maneira a agregar e não distinguir o projeto no seu entorno.

2.2 Estudo II - Los Angeles LGBT Center – Anita May Rosenstein Campus

Este projeto, localizado em Los Angeles, nos Estados Unidos, construído no ano de 2019 e concebido por *Killefer Flammang Architects* e *Leong Leong*, contou com um orçamento de aproximadamente 141 milhões de dólares para sua realização. Tal projeto, tem como público alvo a comunidade LGBT da região, voltada ao atendimento mais específico a jovens e idosos que são os grupos que apresentam maior vulnerabilidade (DIAZ, 2019).

Distribuídos em aproximadamente 17.239m², o programa de necessidades conta com espaços de interação entre a comunidade e os usuários da edificação, sendo eles uma praça pública e diversos pátios internos (Imagem 8) enfatizam esse vínculo entre as pessoas, sendo eles os moradores, vizinhos, clientes e funcionários (KILLEFER FLAMMANG; LEONG LEONG, 2019). Além desses objetivos mencionados, eles surgem com o propósito de fornecerem espaços verdes, abertos e seguros a quem frequenta o edifício, justificado pelo não uso de tais ambientes nos espaços semelhantes dentro da cidade, fornecendo, além disso, iluminação natural para o interior (ZEIGER, 2019).

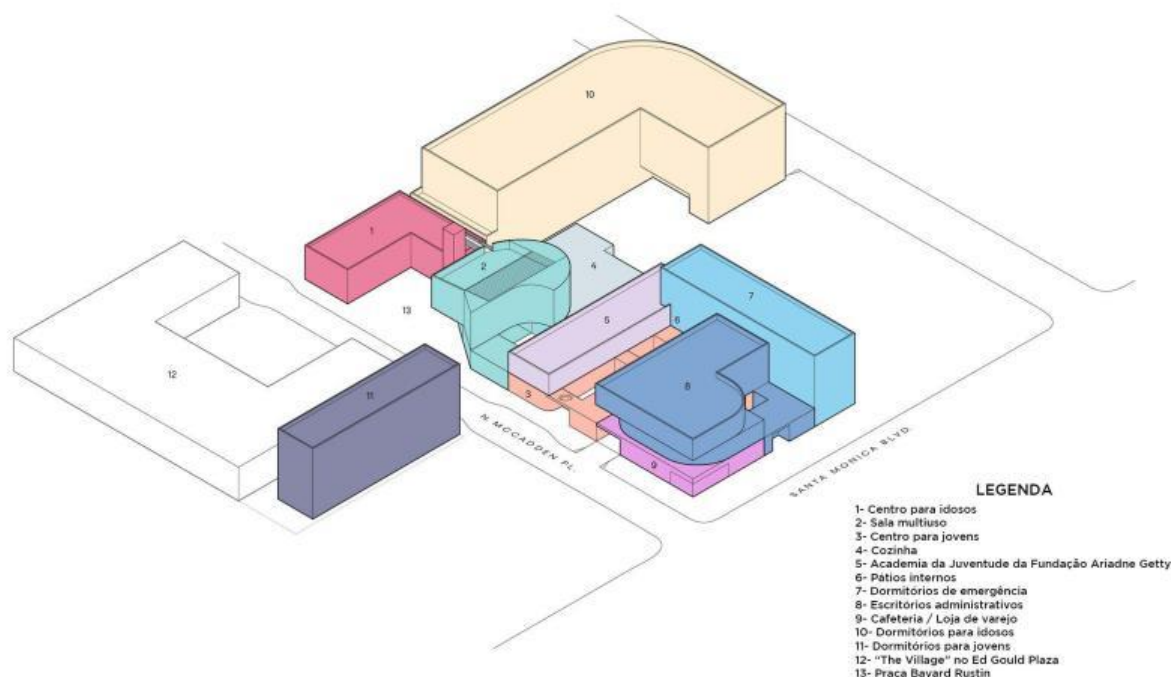
Imagem 8 – Perspectiva interna mostrando a inserção dos pátios internos no projeto



Fonte: Oculus, 2022

Volumetricamente, o projeto está dividido em três pavimentos, com basicamente um programa que contempla 12 setores, que podem ser vistos na Figura 2 abaixo.

Figura 2 – Representação de um esquema da setorização com sua respectiva volumetria

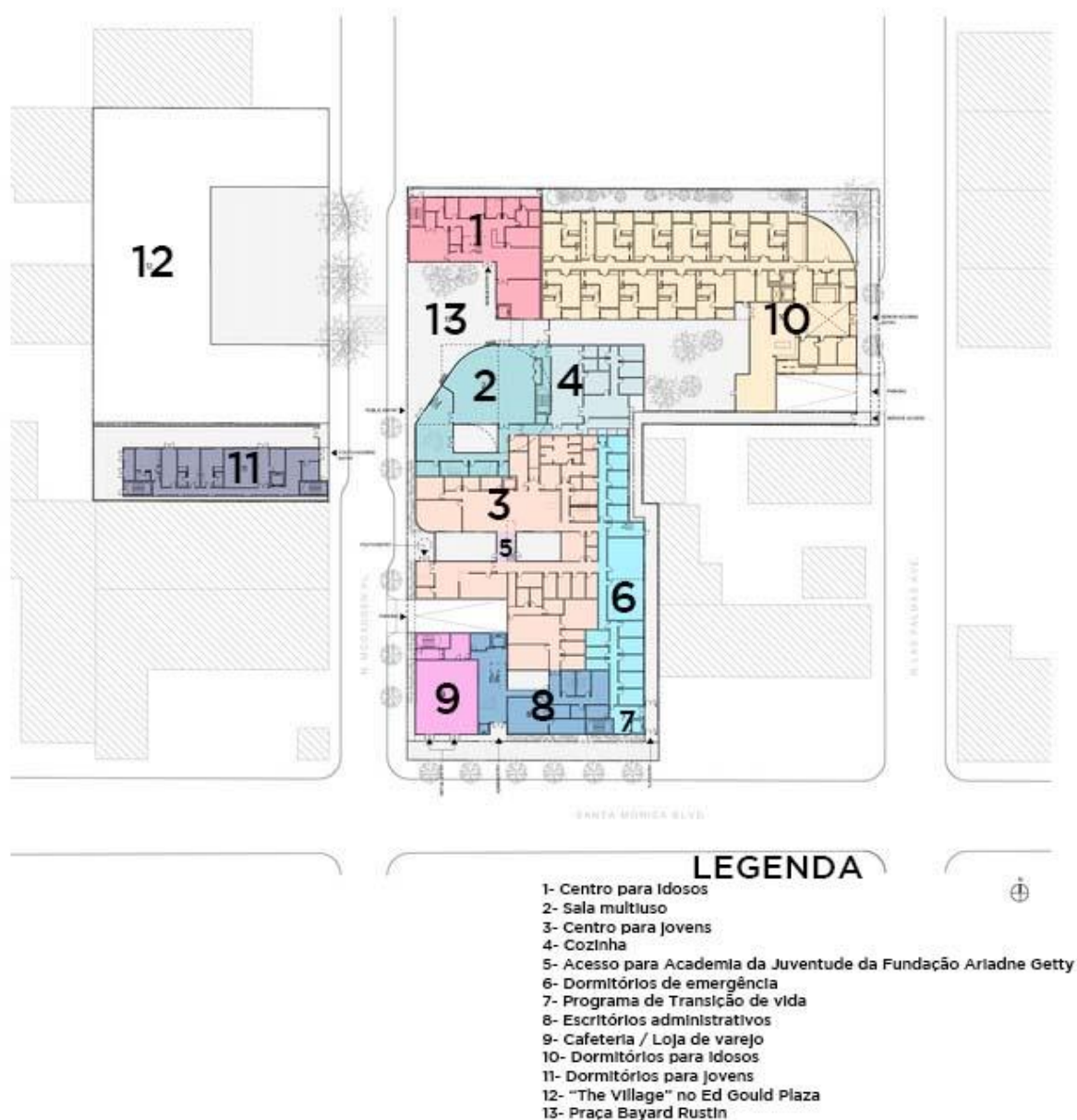


Fonte: Adaptado de Killefer Flammang e Leong Leong, 2019

Analisando a Figura 2, percebe-se que os espaços destinados aos dormitórios, tanto dos jovens quanto dos idosos encontram-se separados, sendo o de idosos maior e mais próximo da maior parte do projeto, devido a necessidade de receberem maior atenção em comparação às pessoas de menor idade, uma vez que o local destinado a eles se localiza do outro lado da rua; além desses espaços, conta também com dormitórios de emergência destinados a jovens sem-teto que procuram ajuda do centro. Os centros de convivência, tanto de jovens quanto de idosos encontram-se também separados, mas, percebe-se que entre eles há dois espaços que promovem esse vínculo, sendo eles o *Pride Hall*, que será mencionado a seguir e a Praça Bayard Rustin, que é aberta ao uso da comunidade.

A partir da sua planta, é possível perceber como esses espaços estão dispostos e entender como se dão os acessos (Figura 3).

Figura 3 - Planta do pavimento térreo com sua setorização



Fonte: Adaptado de Zeiger, 2019

A partir da planta, é possível perceber que o projeto apresenta diversos acessos, uma vez que se localiza de maneira a ter três vias confrontantes. Além disso, apresenta como o projeto integra o comércio que está localizado na esquina, de forma a não se excluir nem na planta, muito menos em sua volumetria. Em outra análise, é perceptível o entendimento de como os espaços abertos é trabalhado de forma a fazer parte do projeto, tendo uma atenção desde a concepção dele, fazendo

com que sejam protagonistas no processo de cura, tratamento e integração dos seus frequentadores. Outra análise pode ser feita a partir de como os setores estão bem definidos e como se vinculam a partir das soluções arquitetônicas adotadas, como a integração entre si, por meio de aberturas que proporcionam tal feito.

No centro, há um espaço denominado como *Pride Hall* (Imagem 9), sendo um ambiente com pé direito de aproximadamente 15m de altura que pode ser dividido em duas salas menores, caso necessário. Tal espaço também apresenta aberturas para espaços externos por meio de portas dobráveis, reafirmando a ideia de promover vínculos e relações com o externo (KILLEFER FLAMMANG; LEONG LEONG, 2019).

Imagem 9 – Espaço chamado *Pride Hall*, mostrando a relação do interno com o externo



Fonte: Baan, 2019

Além desses espaços já citados, além da habitação, apresenta também o setor administrativo e um espaço chamado *The Ariadne Getty Foundation Youth Academy* (Academia da Juventude da Fundação Ariadne Getty, em português) nos pavimentos superiores. Os espaços de acolhimento e moradia, nesse projeto, giram

em torno de 100 leitos, que atendem a comunidade a preços acessíveis (KILLEFER FLAMMANG; LEONG LEONG, 2019).

Percebe-se que em todo o perímetro do edifício, o vidro é um material utilizado em abundância e, dessa maneira, foi pensado de maneira estratégica a manter a privacidade sem perder os benefícios que a iluminação e ventilação naturais podem proporcionar para dentro dos espaços (KILLEFER FLAMMANG; LEONG LEONG, 2019), como pode-se perceber na Imagem 10 a seguir.

Imagem 10 – Perspectiva externa do empreendimento, mostrando o vidro como elemento principal



Fonte: Baan, 2019

Outro elemento utilizado com o objetivo de trazer mais identidade e singularidade, além do vidro e da sua forma, a iluminação artificial foi uma das estratégias adotadas. Pensada de maneira estratégica, pontos de luz dentro e fora da edificação reforçam e dão ênfase no formato pouco convencional aplicado, parte orgânica e parte ortogonal; externamente, foi inserida uma iluminação que pudesse mudar de cor (Imagem 11), principalmente durante o período do orgulho LGBT (OCULUS, 2022)

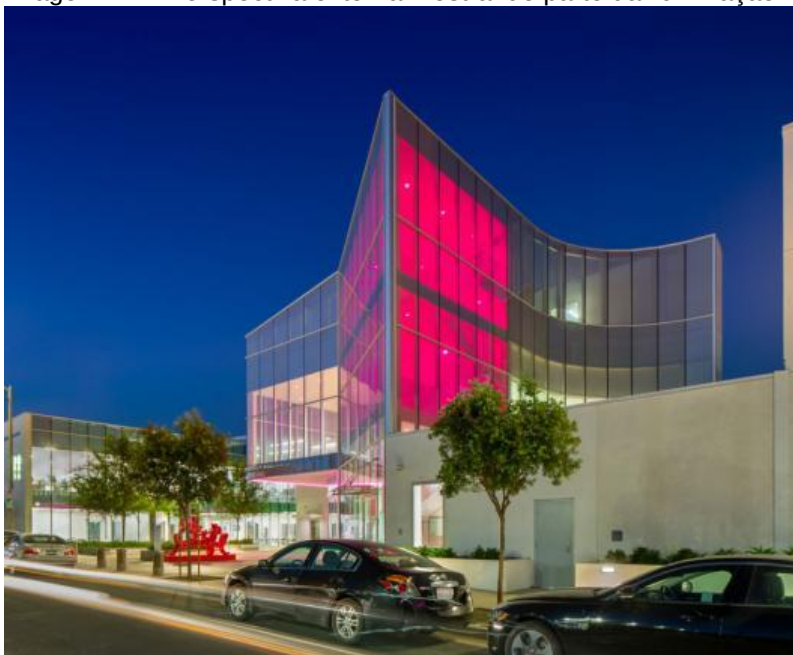
Imagem 11 – Perspectiva externa que representa a estratégia luminotécnica empregada



Fonte: Oculus, 2022

Vinculado a isso, o espaço apresenta uma iluminação que acolhe e ajuda a definir formas internas do projeto (OCULUS, 2022), como é possível observar a seguir, na Imagem 12.

Imagem 12 – Perspectiva externa mostrando parte da iluminação interna do projeto



Fonte: Oculus, 2022

Por fim, o projeto apresenta como órgão responsável o *Los Angeles LGBT Center*, que desde 1969 já auxilia membros da comunidade e, por ser uma entidade de grande importância, apresenta também outros espaços de acolhimento na região. Assim sendo, destacam-se 4 principais aspectos para auxílio dos membros, sendo eles o de saúde, serviços sociais e habitação, cultura e educação e finalizando, liderança e advocacia (DIAZ, 2019).

Além disso, este projeto foi escolhido principalmente por se tratar de um espaço destinado especificamente a esse público, no caso a comunidade LGBTQIA+, e por apresentar alternativas que podem ser viáveis a partir da concepção do projeto a ser proposto. Por outro lado, apresenta também relação com a comunidade e que de certa forma devem ser levados em consideração na reinserção dessas pessoas com seu entorno, seja no âmbito profissional, educacional ou familiar.

2.3 Estudo III - Casa 1

Localizada na região sudeste do Brasil, mais especificamente na cidade de São Paulo, o Casa 1 é um projeto que visa dar apoio a jovens com idade compreendida entre 18 e 25 anos, que por algum motivo ficam desamparados, nesse caso, sendo expulsos de casa pela família ao se assumirem (CASA 1, 2022).

Esse projeto, além do centro de acolhida, apresenta também outras duas vertentes que atuam em conjunto, sendo eles o centro cultural e a clínica social, todos oferecem acolhimento de forma gratuita para seus usuários e para a comunidade que também pode fazer uso desses espaços. De modo geral, além de todo o processo de acompanhar o indivíduo, dando suporte alimentício, transporte e moradia, é fornecido também ajuda, quando necessário, para regularizar documentações, apoio educacional e de inserção no mercado de trabalho. Nesse viés, vale ressaltar que a Casa 1 não apresenta nenhum vínculo com o poder público, ela se mantém a partir de doações, sejam elas de pessoas físicas ou de organizações (CASA 1, 2022).

Inicialmente, o centro de acolhimento (imagem 14) é o pilar principal do órgão e atua de maneira temporária para cada um desses indivíduos, totalizando aproximadamente 20 vagas, com permanência de até 4 meses. Esse ambiente trabalha com seus pacientes de maneira a promover autonomia e segurança dos jovens que ficam desamparados e enquanto passam esse tempo sob os cuidados da instituição, algumas vertentes são trabalhadas, sendo eles a saúde clínica, mental, educação e empregabilidade. Além disso, tendo sua fundação em 2017, aproximadamente 400 jovens LGBTQ+ já passaram por lá, dando novas oportunidades e novas perspectivas de vida a eles (CASA 1, 2022).

Imagem 13 – Perspectiva externa da Moradia Casa 1



Fonte: Casa 1, 2022

Por outro lado, o centro cultural (Imagem 15) exerce uma função mais técnica, funcionando durante todos os dias da semana, num período de 12h diárias. Dessa maneira, sua criação teve como finalidade propor um espaço físico para projetos destinados a comunidade LGBTQ, que antes não podiam realizar compromissos e atividades por falta de espaço. As atividades oferecidas por lá são aulas das mais diversas modalidades, de forma gratuita e com atendimento universal, como aulas de outras línguas, como inglês e espanhol, aulas de luta, ioga, costura e maquiagem são somente algumas das atividades fornecidas (CASA 1). Vinculado a isso, o centro cultural tem atendimento aberto a comunidade e como

menção Oliveira (2022) “tem um propósito de estabelecer uma relação com o entorno e promover segurança para todos que vivem na Casa”.

Imagem 14 – Fachada do Galpão Casa1



Fonte: Casa 1, 2022

O Galpão Casa 1, como também é chamado o centro cultural da organização, tem sua manutenção a partir do uso da comunidade externa, seja por meio de ONG's, coletivos ou grupos, com o objetivo de realizarem suas atividades, por meio de feiras, exposições e eventos de maneira geral (CASA 1, 2022) como pode ser visto na Imagem 15, a seguir.

Imagem 15 – Centro Cultural Casa 1 sediando um dos seus eventos da comunidade



Fonte: Casa 1, 2022

Finalizando essas três perspectivas de atuação da organização, a clínica social (imagem 16) atua de forma a atender e proporcionar acompanhamento, sejam eles físicos ou psicológicos a seus usuários, tendo atendimentos com psicólogos e nutricionistas, além de outras modalidades de terapias complementares. Com atendimentos que chegam a serem próximos de 120 pessoas por mês, suas consultas são realizadas de maneira gratuita ou com o que é chamado de atendimento social (CASA 1, 2022), como menciona Giusti (2022) “(...) A Casa 1 conta ainda com um plantão de escuta, atendimentos de nutricionistas e serviços de terapias complementares, como aromaterapia, acupuntura e massoterapia”.

Imagem 16 – Perspectiva externa da Clínica Social Casa 1



Fonte: Casa 1, 2022

O projeto Casa 1 foi escolhido principalmente por se tratar do projeto mais próximo da realidade que a comunidade enfrenta no Brasil, principalmente por se localizar numa região relativamente próxima ao local de inserção, fazendo com que as variáveis mesmo distintas, não sejam tão discrepantes. Além disso, o fato de abordar três diferentes vertentes que se interligam (moradia, centro cultural e clínica social) foram elementos que podem e devem ser abordados na concepção do projeto a ser desenvolvido.

CAPÍTULO III – PROBLEMÁTICA

3.1 – A vulnerabilidade da comunidade em meio a LGBTfobia

Os espaços, na arquitetura, devem, em sua maioria acolher seus usuários, levando em consideração as mais diversas condicionantes e os diversos tipos de frequentadores. Por mais que isso seja uma premissa, os espaços ainda oprimem e reprimem grande parte da comunidade LGBTQIA+. Espaços que são comumente utilizados por todos como os transportes públicos são somente alguns deles que podem ser mencionados.

Inicialmente, se uma pessoa anda com alguma vestimenta diferente do comum, ela já recebe olhares dos mais diversos: admiração, coragem, vergonha alheia, discriminação e preconceito. Em contrapartida, quando um homem anda com outro homem e ainda passa a demonstrar publicamente seu afeto pelo outro, aí sim torna a situação mais complicada: os dois extremos podem ser percebidos nessas situações, admiração, coragem, representatividade contra ódio, aversão e discriminação.

Tais percepções podem ser percebidas ou amplificadas pelo espaço, sendo que em muitos casos, essas representações de carinho pelo próximo passam a ser mais vistas em espaços privados, em muitos casos em suas próprias casas ou em ambientes que se sintam seguros para isso, como alguns bares e restaurantes. Dessa maneira, pode-se perceber que alguns espaços públicos passam inclusive a não ser frequentados pela comunidade por não passarem nenhum tipo de segurança, seja espacial ou exatamente quando relacionado ao medo de se expressar e sofrer algum tipo de recriminação ou agressão.

Em alguns espaços percebe-se uma privação do seu uso, como em diversos banheiros públicos, em que por medidas restritivas, pessoas trans não podem fazer o uso do banheiro masculino/feminino. Sendo assim, a pauta levada em consideração é que mulheres trans devem fazer o uso do banheiro masculino e vice versa. Apesar do Brasil não apresentar uma lei que determina nada sobre isso, alguns municípios já vetaram propostas conservadoras em relação a esse assunto.

Finalizando essa abordagem, se faz necessária um tratamento relacionado ao que se acredita na igualdade ou na equidade? Igualdade de um atendimento

universal ou equidade para se obter um tratamento específico, levando em consideração suas necessidades de maneira particular?

3.2 – Ausência de espaços de atendimento e acolhimento no Brasil

A LGBTfobia traz consigo dados que merecem uma atenção especial, principalmente no que se refere aos casos de mortes, agressões e violências sofridas pela comunidade nas mais diversas localidades do Brasil e do mundo. Vinculado a isso, Oliveira (2018) apresenta dados do Grupo Gay da Bahia que demonstram que o nosso país é um dos que tem maior índice de violência e agressão contra a comunidade LGBT, reafirmando a necessidade de espaços dedicados a tais pessoas, que sofreram, sofrem e que venham a sofrer com tais fatalidades no Brasil.

Em consequência disso, surge a necessidade de pensar em locais adequados que visam proporcionar um atendimento de maneira mais acolhedora e humana para essas pessoas. A partir disso, um dado importante deve ser levado em consideração: o sistema único de saúde brasileiro não tem profissionais de saúde suficientes para atender nem ao menos 30% da comunidade transexual do país (NOGUEIRA; AQUINO; CABRAL, 2017), o que mostra uma grande deficiência, podendo estender até a um certo descaso das políticas públicas voltadas pra essas pessoas.

Sem um espaço adequado para o tratamento de suas feridas, sejam elas físicas ou psicológicas e sem profissionais capacitados para tais necessidades, muitos ficam sem opções para quem recorrer levando até mesmo a casos de suicídio, sendo que o Brasil apresenta um dos maiores índices do mundo, como menciona Rosa (2022). Além do mais, o suicídio é resultado de um dos problemas que é o maior causador de mortes do mundo: a depressão (OLIVEIRA, 2018).

A partir do exposto, pode-se citar que em certos casos, o atendimento universal, encontrado nos espaços mais amplos, como hospitais e clínicas médicas, pode não ser o mais adequado para os membros LGBTQIA+, seja por não se sentirem confortáveis, ou por ausência exatamente de profissionais capacitados para

a finalidade procurada pelos seus usuários, reprimindo-os de receberem a ajuda necessária. A partir dos dados apresentados, é possível levantar o seguinte questionamento: é possível trabalhar o atendimento médico e psicológico em espaços mais acolhedores para este público específico?

3.3 – A realidade da comunidade em Minas Gerais

Como já exposto anteriormente, no Brasil, a LGBTfobia apresenta dados que merecem maior destaque, no que se refere principalmente aos resultados obtidos nas mais diversas escalas, sejam elas nacionais, estaduais ou até mesmo regionais e municipais.

A partir disso, se tratando de casos de mortes, o país mostra resultados alarmantes, sendo que de acordo com o Grupo Gay da Bahia (2021) a região brasileira com dados mais expressivos é a nordeste; em contrapartida, nos estados, o mais violento é o de São Paulo, seguido da Bahia e posteriormente por Minas Gerais. Dessa maneira, quantitativamente, o estado paulista apresenta 41 mortes contabilizadas, correspondendo a 14% do total nacional; Bahia com 32, sendo 10,7% e finalizando com o estado mineiro com 29 mortes, o correspondente a 9% da totalidade brasileira.

Tal análise deve levar em consideração seus fatores sociais, culturais e econômicos, mas mesmo assim, alguns elementos são relevantes para isso: relação entre as vítimas e pontos de prostituição e encontros com desconhecidos, que na maioria dos casos, resultam em mortes violentas.

No estado de Minas Gerais, como mencionado, essa situação não é diferente. Dessa maneira, além de alguns dados já citados anteriormente, algumas notícias de municípios mineiros chamam a atenção pelo fato ocorrido, sendo que os títulos de matérias exemplificam como essa realidade está presente nas mais diversas atmosferas urbanas do estado.

Assim sendo, Trindade (2011) apresenta um caso que ocorreu na região central de Belo Horizonte, capital mineira, em que um jovem de 18 anos sofreu

agressões inicialmente verbais e posteriormente físicas por 2 homens na região central da cidade.

Além disso, o carnaval sendo uma das maneiras de liberdade de expressão, apresenta também censuras, principalmente para a comunidade, sendo que foram notificados também na capital mineira casos de xingamentos, insultos, ameaças, violência e expulsões de eventos e assédio sexual (CIDADES, 2017).

Em Ituiutaba, no ano de 2018, região do triângulo mineiro, temos também um caso notificado, em que Fabrício Marçal Vilela, historiador e ativista LGBT, sofreu agressões físicas e verbais por uma pessoa, enquanto voltava para casa, sendo que ameaças já teriam se iniciado anteriormente no meio virtual, por meio das redes sociais, como apresenta Quirino (2018).

Por fim, na região metropolitana da capital mineira, de acordo com Santiago (2022), um casal foi agredido tanto fisicamente quanto verbalmente por um sargento da Polícia Militar com uma barra de ferro, sendo que as ameaças já duravam por pelo menos um ano.

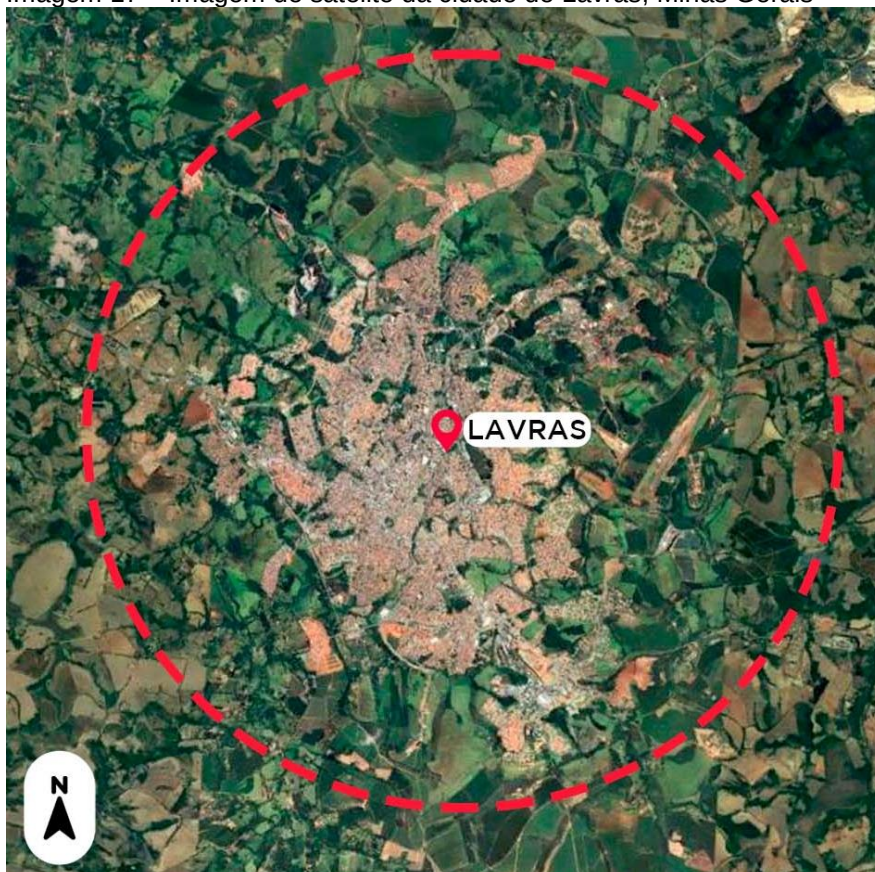
Assim sendo, até quando casos semelhantes a esses acontecem diariamente e não apresentam nenhum auxílio específico do poder público para as suas vítimas? Por fim, pode-se perceber que os casos relacionados a LGBTfobia perduram a muito tempo na sociedade, dados que preocupam e merecem atenção para pensar em propostas para redução desses casos. Por outro lado, partindo do pressuposto da não notificação de muitas situações, é possível concluir que muitos desses casos não são de conhecimento público, o que em partes dificulta pensar em estratégias concretas e diretas para a resolução de tais problemas.

CAPÍTULO IV – PROPOSTA

4.1 Análise e diagnóstico

Inicialmente, o projeto de um centro de acolhimento para a comunidade LGBTQIA+ foi idealizado para a cidade de Lavras, Minas Gerais, como apresentado na imagem 17 que se localiza na região sul do Estado, com uma população de aproximadamente 105 mil habitantes, apresentando uma área de com mais de 560m² (IBGE, 2021).

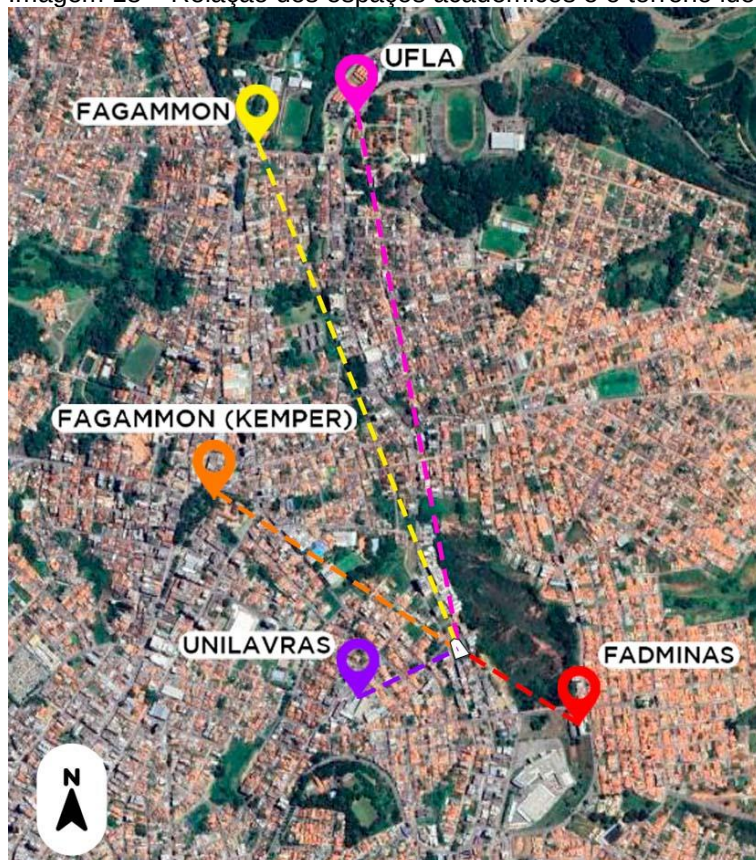
Imagem 17 – Imagem de satélite da cidade de Lavras, Minas Gerais



Fonte: Adaptado de Google Earth Pro, 2022

A partir de um estudo mais aprofundado sobre as condicionantes do município, deve-se levar em consideração o fato de que a cidade apresenta caráter universitário e devido a isso, o terreno foi pensado de maneira estratégica a atender os centros de ensino superior que fazem parte do caráter acadêmico do espaço urbano, como se pode perceber na imagem 18 a seguir.

Imagem 18 – Relação dos espaços acadêmicos e o terreno idealizado para o projeto



Fonte: Adaptado de Google Earth Pro, 2022

O desenvolvimento da cidade de Lavras se dá principalmente pelo fato dela ser considerada universitária, em que essa população acadêmica traz consigo grande importância social, cultural e econômica para o município. Assim sendo, sabendo que a LGBTfobia ocorre nas mais diversas idades e cidades, mas sabendo desse fator específico do centro urbano, pode-se perceber que os casos de LGBTfobia ocorrem em sua maioria com o público que frequenta as universidades locais, justificando sua implantação na cidade e na localidade demonstrada.

A partir disso, o fluxo da população lavrense, em grande parte estudante universitária, em sua maioria se dá pelo trajeto a pé e por isso a localização do terreno foi escolhida de maneira estratégica de forma a atender da melhor maneira possível os frequentadores, pensando também no fluxo que esses moradores fazem.

A Fagammon, é a mais distante, com um percurso que demora aproximadamente 16 minutos de deslocamento, seguido da UFLA, com 13 minutos. O outro campus da Fagammon, localizado na região mais central, próximo a Praça

Dr. Augusto Silva, totaliza 8 minutos de caminhada, seguido pela Unilavras com 5 minutos e Fadminas, com 4 minutos, sendo as mais próximas. Além desse fato, encontram-se os espaços de assistência que, em sua maioria, encontram-se distantes do local, como se percebe a seguir na imagem 19.

Imagem 19 – Localização dos espaços de assistência em Lavras



Fonte: Adaptado de Google Earth Pro, 2022

A partir dessa imagem, pode-se perceber que as clínicas médicas são a maioria no mapa em questão, localizam-se principalmente na região central, em alguns casos em espaços que abrangem mais de um tipo de atendimento clínico e são também de atendimento particular; também na região central, encontram-se 2 hospitais que dão suporte para o município, sendo o Vaz Monteiro e a Santa Casa, também de atendimento prioritariamente particular. Em contrapartida, os espaços públicos encontrados são 2 PSFs, sendo o mais próximo o do bairro Nova Lavras, a aproximadamente 11 minutos de caminhada contando com um CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) vinculado a ele, e o PSF Dona Wanda, mais distante, contando aproximadamente 25 minutos de tempo de percurso a pé. A partir de uma análise mais específica do entorno imediato, percebe-se que o terreno

apresenta 3 vias confrontantes, como pode ser visto na imagem 20, apresentada a seguir

Imagem 20 – Representação do terreno (demarcado em branco), com as vias circundantes



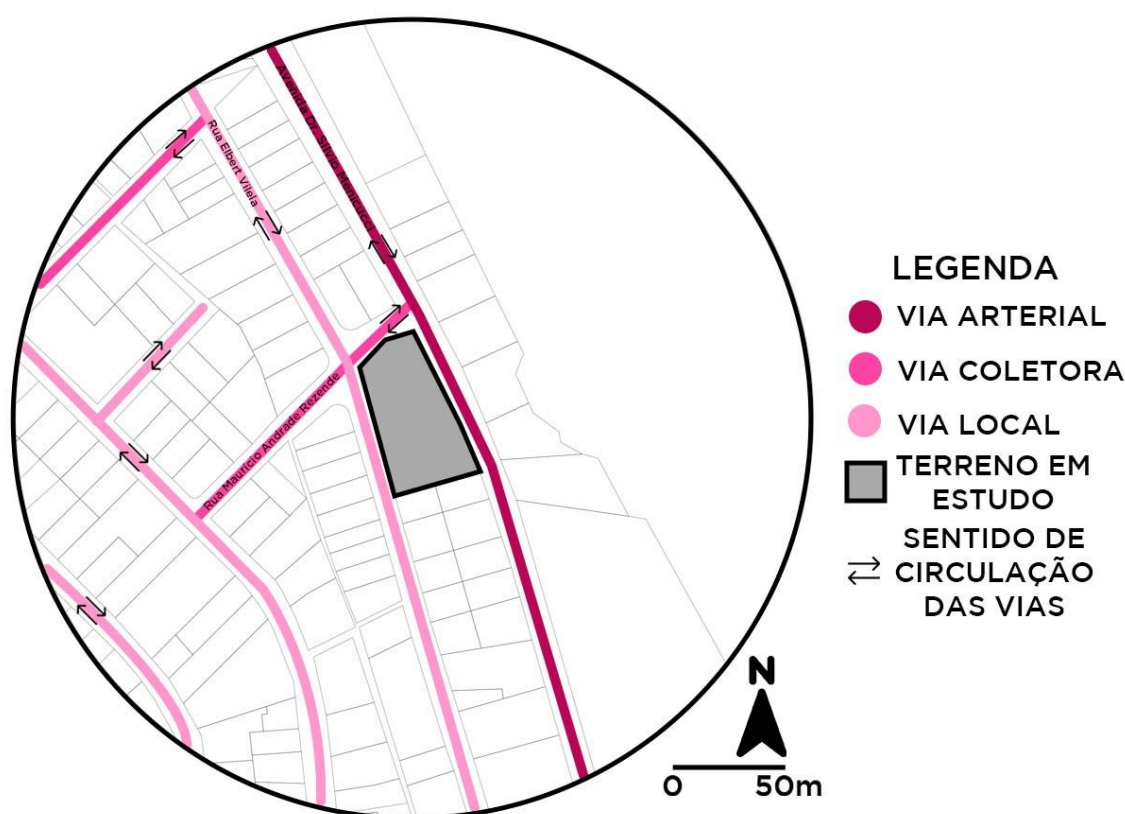
Fonte: Adaptado de Google Earth Pro, 2022

Analisando a imagem acima, percebe-se que o terreno apresenta 3 vias em seu entorno, sendo elas a Avenida Dr. Silvio Menicucci e a Rua Elbert Vilela nos maiores lados do terreno e a Rua Maurício Andrade Rezende no menor. Essas 3 vias apresentam comportamentos distintos quando relacionado ao fluxo principalmente de veículos, mas que mesmo assim ditam também o fluxo de pessoas. A Avenida Dr. Silvio Menicucci, comumente conhecida como Perimetral tem um fluxo intenso de pessoas e veículos durante todo o dia, seja somente de passagem ou também para a realização de exercícios físicos. A Rua Elbert Vilela tem um fluxo menor de pessoas e carros em alguns momentos, pois as vezes é uma

segunda opção para alguns moradores, uma vez que o fluxo intenso na Avenida chega a congestionar a passagem na mesma. A Rua Maurício Andrade Rezende tem mais a função de receber e distribuir os fluxos das outras vias, começando no bairro centenário e levando para as duas vias mencionadas anteriormente, mostrando que seu fluxo em alguns momentos do dia é elevado.

Seguindo o raciocínio exposto acima, podemos fazer uma diferenciação dessas vias, levando em consideração seus fluxos e movimentação de veículos no decorrer do dia, apresentado na Figura 4, a seguir.

Figura 4 – Representação dos tipos de vias e os sentidos dos seus fluxos

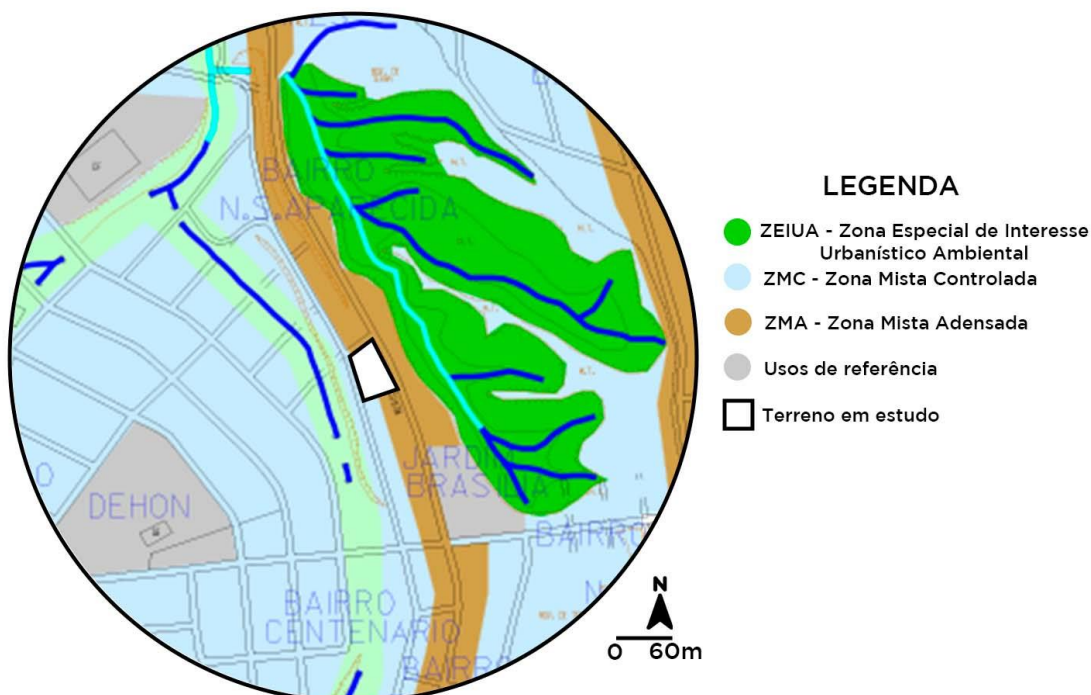


Fonte: O autor (2022)

Pode-se perceber que, de acordo com esse mapa, todas as vias estão interligadas, uma vez que seus sentidos de circulação permitem livre movimentação em todo o perímetro analisado, exemplificando o que já foi citado, que a Avenida Dr. Sílvio Menicucci é o local que recebe os fluxos das vias que tem seu fim nela, tendo

um deslocamento tanto de veículos quanto de pessoas elevadas durante todo o dia. Além desse estudo viário, é possível realizar uma análise mais aprofundada sobre seus usos e a zona em que se encontra. A seguir, pode-se perceber as zonas que o terreno e o entorno se encontram (Figura 5).

Figura 5 – Zoneamento do perímetro em estudo



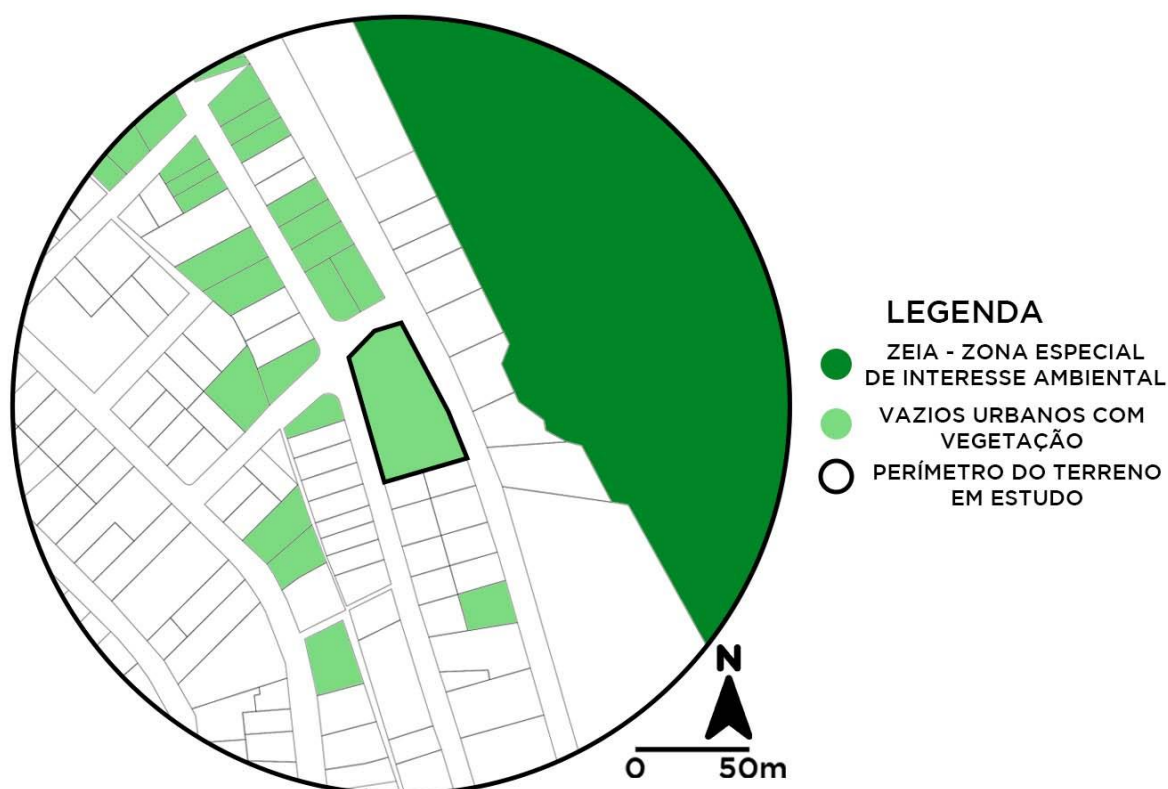
Fonte: Adaptado de Prefeitura Municipal de Lavras, 2006

Como é perceptível, a área se encontra na ZMA (Zona Mista Adensada) que, segundo a Lei Complementar nº 156 (2008), essa Zona se define como uma área próxima as principais vias da cidade, com diversidade de usos, sendo eles residenciais, comerciais, de serviços e institucionais, podendo os comerciais e de serviços de atendimento local ou de médio porte, podendo ser verticalizados de médio porte. Próxima a essa área, encontram-se outras duas áreas que dominam esse zoneamento, a ZMC (Zona Mista Controlada) e a ZEUA (Zona Especial de Interesse Urbanístico-ambiental), que apresentam também algumas particularidades.

A Zona Mista Controlada corresponde a espaços que também atendem a usos residenciais unifamiliar e multifamiliar de baixa densidade, comerciais e de serviços, de atendimento local ao espaço. A Zona Especial de Interesse Urbanístico-

ambiental apresenta, por sua vez, corresponde a áreas em que se encontram voçorocas na malha urbana, com possíveis danos a população e por se tratarem de áreas de risco ambiental, devem ser levadas em consideração normas e diretrizes de órgãos que vão além dos municipais. Dessa maneira, a Figura 6 abaixo, mostra espaços que, além de protegidos pela legislação municipal, alguns vazios urbanos que apresentam relevância ambiental para o projeto.

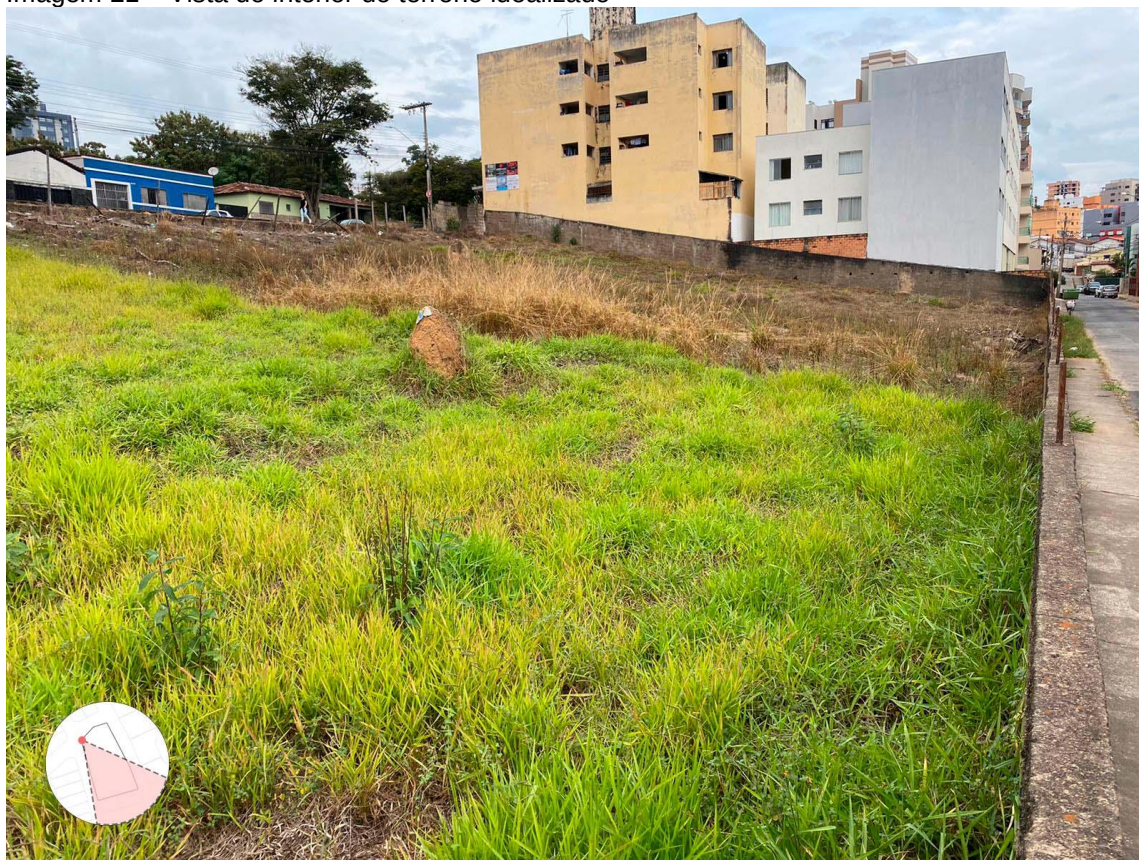
Figura 6 – Mapa de vegetação do entorno do terreno escolhido para receber a proposta projetual



Fonte: O autor (2022)

Assim sendo, o terreno em estudo, também apresenta vegetação no seu interior (Imagem 21), assim como em algumas diversas áreas próximas.

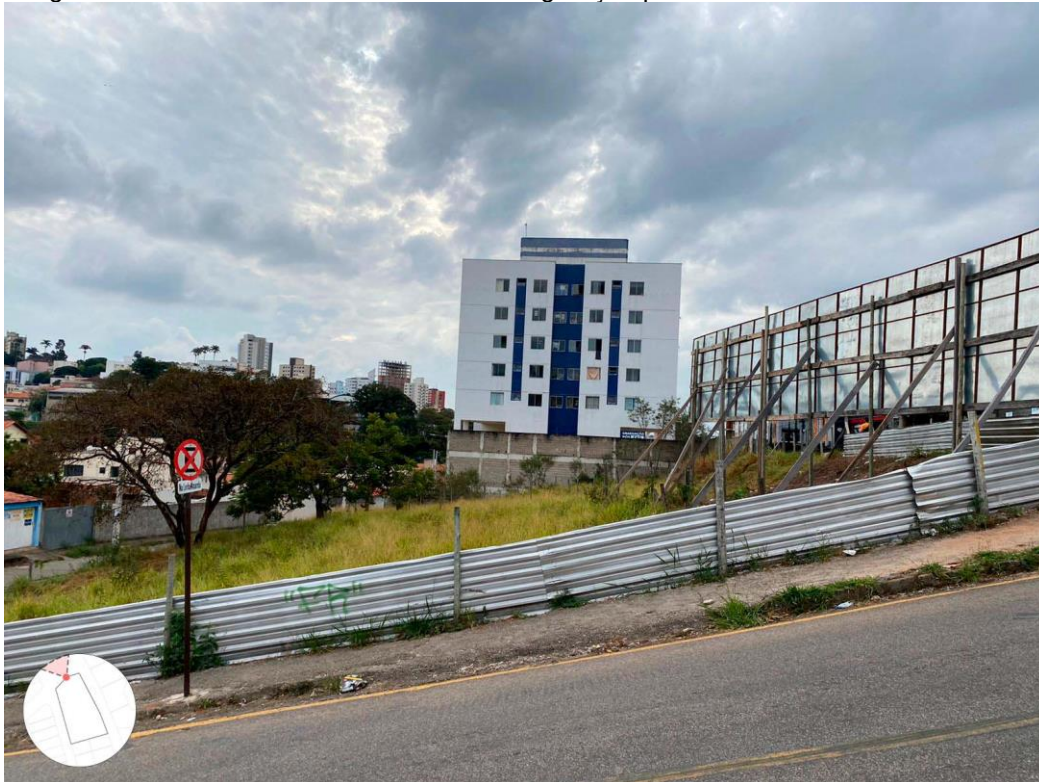
Imagem 21 – Vista do interior do terreno idealizado



Fonte: O autor (2022)

Em sua maioria, essas áreas com vegetação que são abertas e que permitem visualização direta, apresentam característica de serem rasteiras, assim como na imagem acima, sem muitos arbustos, como pode ser observado na Imagem 22, abaixo. Além disso, de acordo com o Zoneamento, ainda há um curso d'água próximo a rua Elbert Vilela, que interfere diretamente nas ideias de conforto do projeto, principalmente no térmico.

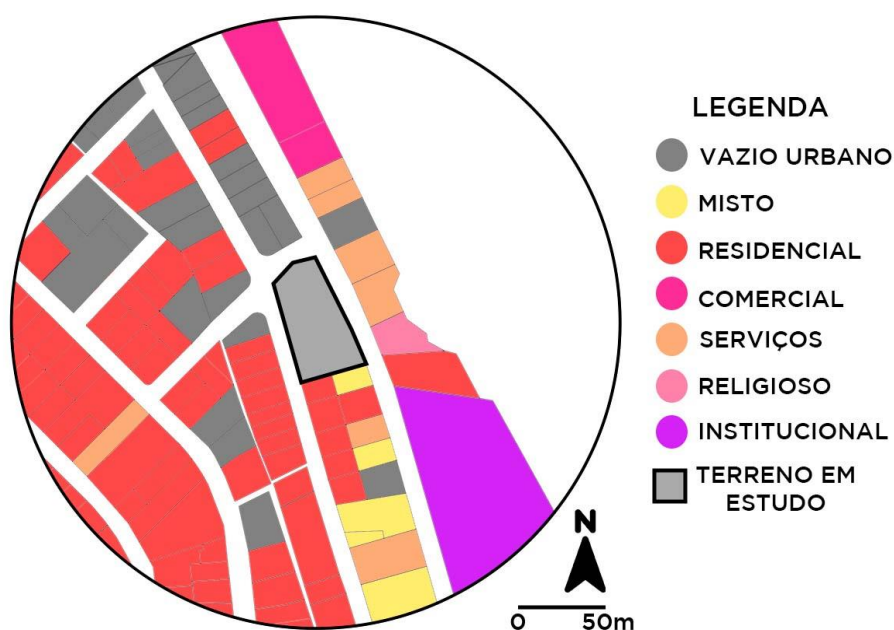
Imagem 22 – Vista de uma das áreas com vegetação próximas ao terreno



Fonte: O autor (2022)

Sobre os usos, a partir da Figura 7, mostrada a seguir, é possível tirar algumas conclusões.

Figura 7 – Mapa de usos

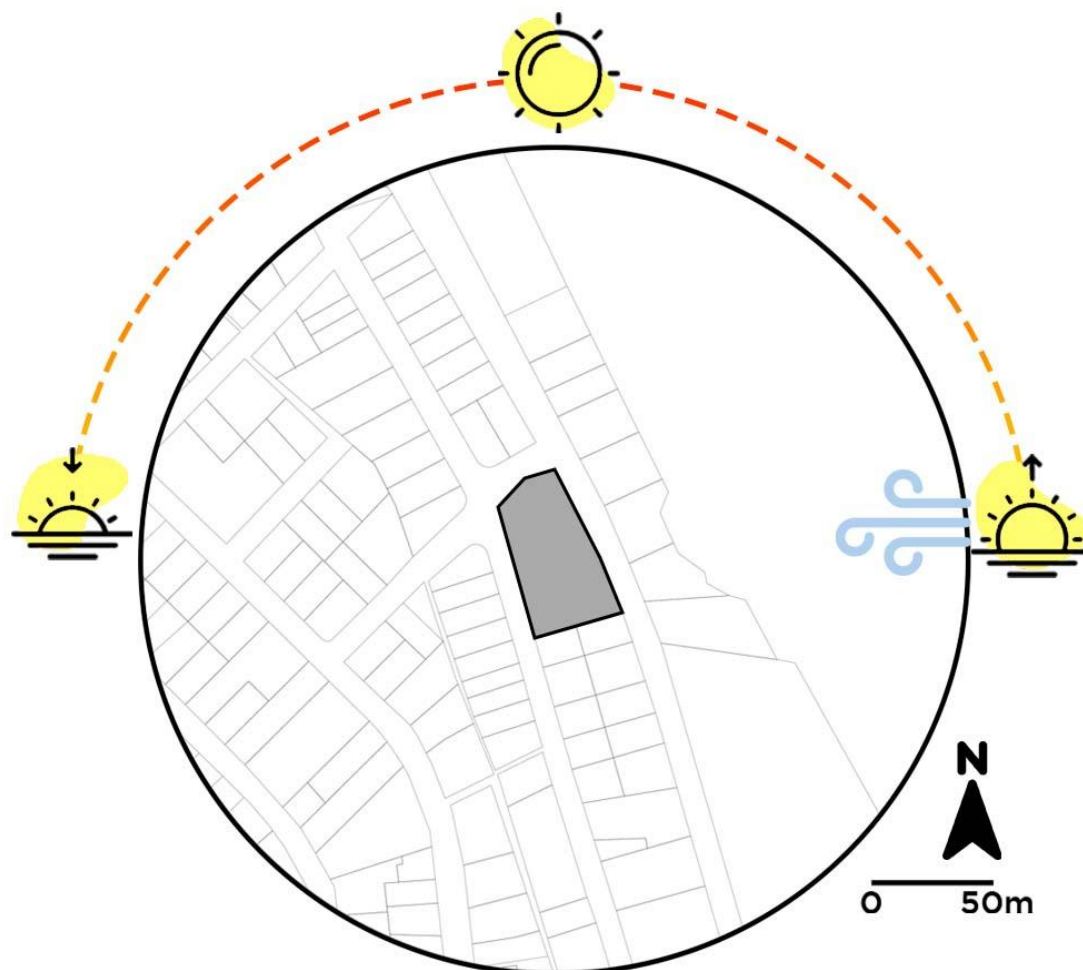


Fonte: O autor (2022)

Após analisar o mapa acima, pode-se concluir que há uma diferença de usos bem distinta, quando analisada a parte do mapa mais a direita, uma vez que de acordo com o Zoneamento mostrado anteriormente, são permitidos uma diversidade maior de usos, diferentemente dos lotes mais a esquerda, em que o uso residencial predomina. Além disso, o uso misto também se faz presente na região, vinculado ao uso institucional, que trazem maior importância a região, além de apresentarem utilidades que de alguma maneira podem dar suporte ao projeto a ser idealizado para a região.

Continuando essa análise do terreno e entorno, a seguir, é possível observar um esquema que exemplifica como a ventilação e insolação interferem na região, mais especificamente o terreno em questão (Figura 8).

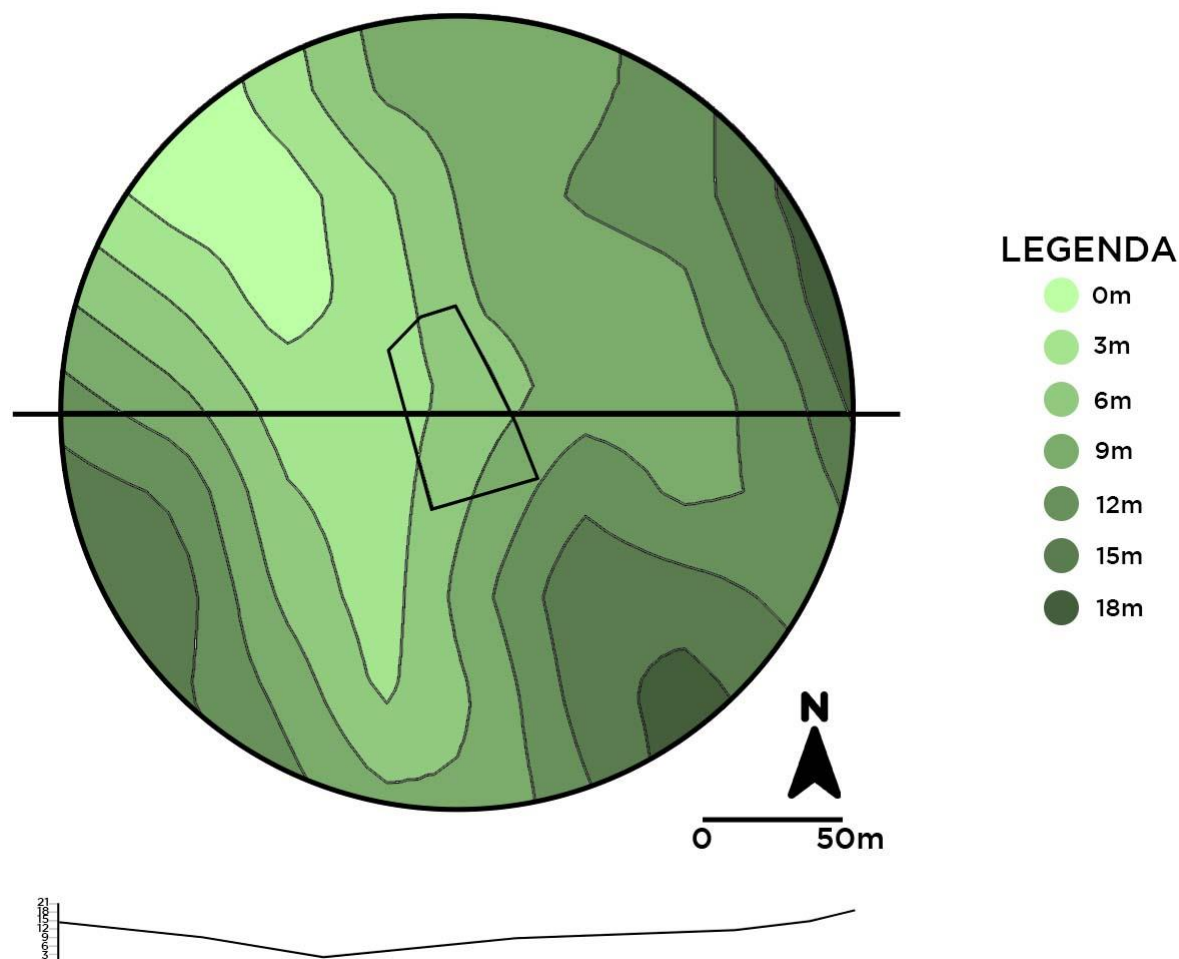
Figura 8 – Diagrama de ventilação e insolação com terreno em análise destacado



Fonte: O Autor (2022)

De acordo com esse diagrama e analisando os mapas anteriores, o Sol, no horário mais crítico, que é do meio dia até aproximadamente umas 17h, apresenta grande influência na região, uma vez que não há nenhum tipo de sombreamento de alguma dessas áreas, fazendo necessário o uso de estratégias bioclimáticas para atingir o maior conforto luminoso e térmico possível. Além disso, os ventos dominantes tem origem no lado leste em sua maioria, podendo ser em alguns momentos da região nordeste, mesmo lado em que há presença de vegetação, o que resfria cada vez mais o ar, podendo ser uma dessas estratégias a serem adotadas com tal objetivo. A topografia da área pode ser vista na Figura 9, apresentada a seguir.

Figura 9 – Diagrama das curvas de nível com o terreno em análise destacado



Fonte: O autor (2022)

A Figura acima mostra o comportamento das curvas de nível na área analisada. As curvas estão distanciadas de 3 em 3 metros e com o auxílio das cores, é possível perceber como a área encontra-se perto de um vale onde se encontra o curso d'água. O desnível da área do projeto no ponto mais alto é de aproximadamente 5 metros, e no menor, pouco mais de 4. As áreas mais externas apresentam cor mais escura exatamente para mostrar como são as áreas mais elevadas, destacando a parte mais a direita, a mais alta, uma vez que apresenta a região das voçorocas já mencionada anteriormente.

Partindo, agora para uma análise mais específica do terreno onde vai ser idealizado o projeto, tem como ponto inicial a imagem 23 abaixo.

Imagem 23 – Vista panorâmica do interior do terreno



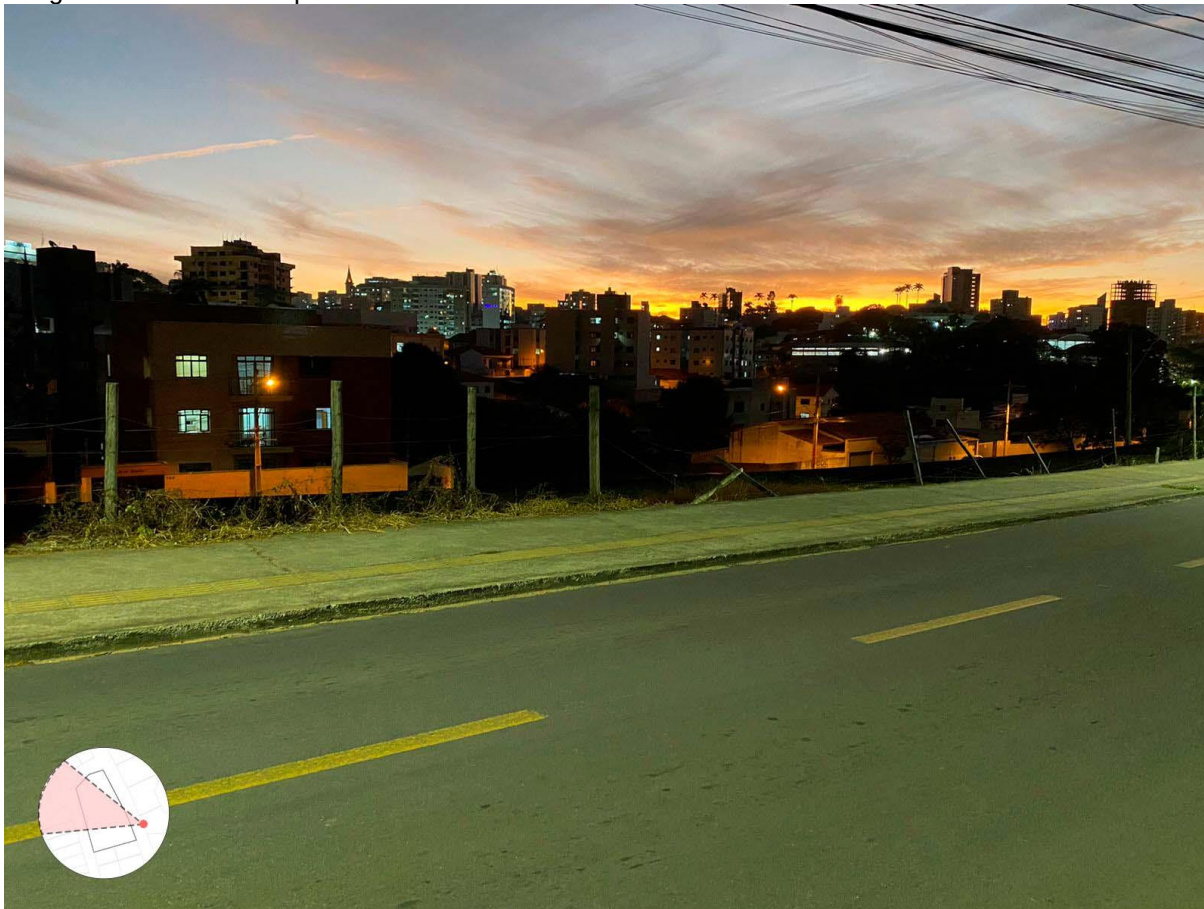
Fonte: O autor (2022)

Essa imagem mostra como o terreno se comporta, tendo pouco mais de 2200m², levando em consideração o desnível e as vias confrontantes, a mais abaixo, mostrada mais a direita, a mais elevada, na parte superior e a que interliga as duas no lado esquerdo. Percebe-se também como o desnível se comporta, decaindo da Avenida Dr. Sílvio Menicucci indo em direção à Rua Elbert Vilela. Pode-se perceber que seu perímetro é quase todo murado, com exceção de uma parte que será mostrada posteriormente.

Sendo assim, essa análise será levada em consideração aspectos existentes e não existentes, de maneira a entender quais infraestruturas urbanas podem ser utilizadas em prol do projeto e quais faltam, levando em consideração a ausência das mesmas ou até mesmo a ineficiência delas.

Dessa maneira, esses estudos se iniciam na parte mais superior, decaindo até a inferior; sendo assim, o primeiro estudo vai ser realizado a partir da Avenida Perimetral, que como se sabe, é a via de maior importância da região. A seguir, na Imagem 24 pode-se perceber um trecho do perímetro para observação.

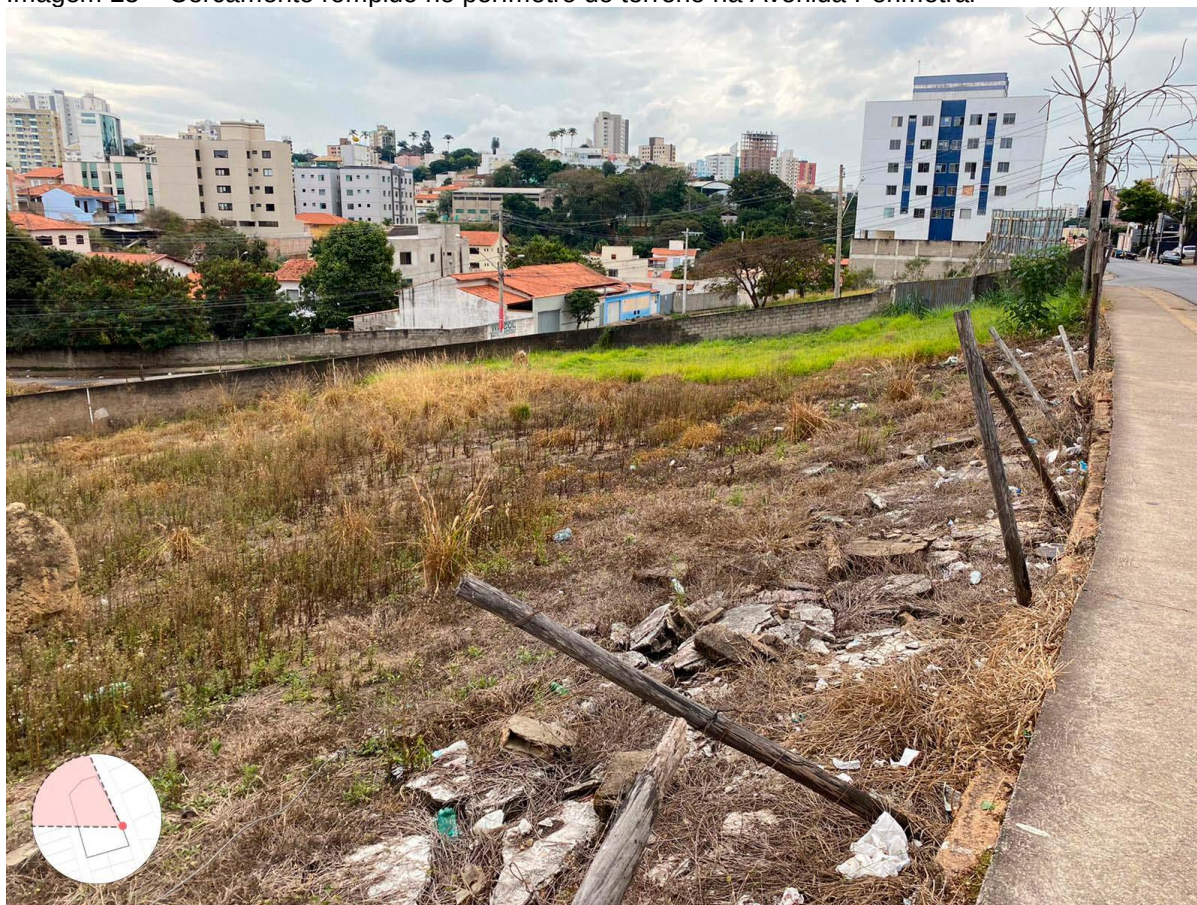
Imagem 24 – Trecho do perímetro do terreno na Avenida Dr. Silvio Menicucci



Fonte: O Autor (2022)

Como se pode perceber, essa parte do terreno teve seu muro derrubado e para tentar compensar essa ausência, uma cerca foi executada, só que com o tempo, suas escoras foram quebradas, o que com a estrutura existente apresenta certo risco para quem frequenta a calçada, como pode ser percebido na Imagem 25, a seguir.

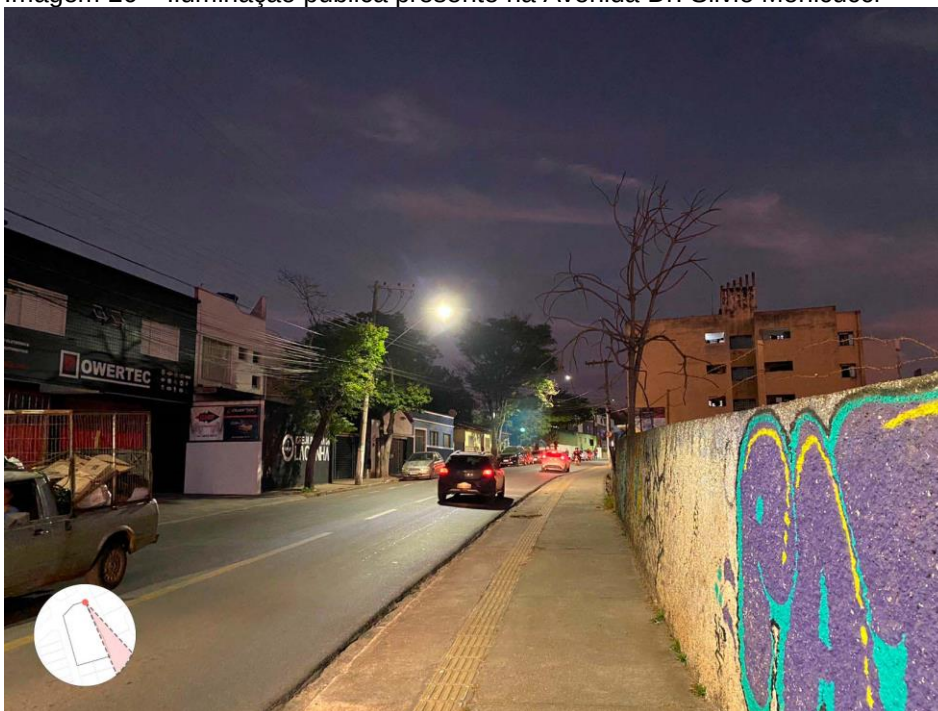
Imagem 25 – Cercamento rompido no perímetro do terreno na Avenida Perimetral



Fonte: O autor (2022)

Nesse sentido, a calçada apresenta bom estado de conservação e conta com pisos táteis para auxiliar na locomoção de deficientes visuais. Durante todo o limite do terreno nessa via, não se encontram elementos que atrapalhem a circulação dos pedestres, como placas de sinalização vertical e postes de iluminação. Nesse sentido, os postes se encontram na outra calçada da via e possuem boa qualidade luminosa, não criando pontos de escuridão, como pode ser percebido na Imagem 26 a seguir.

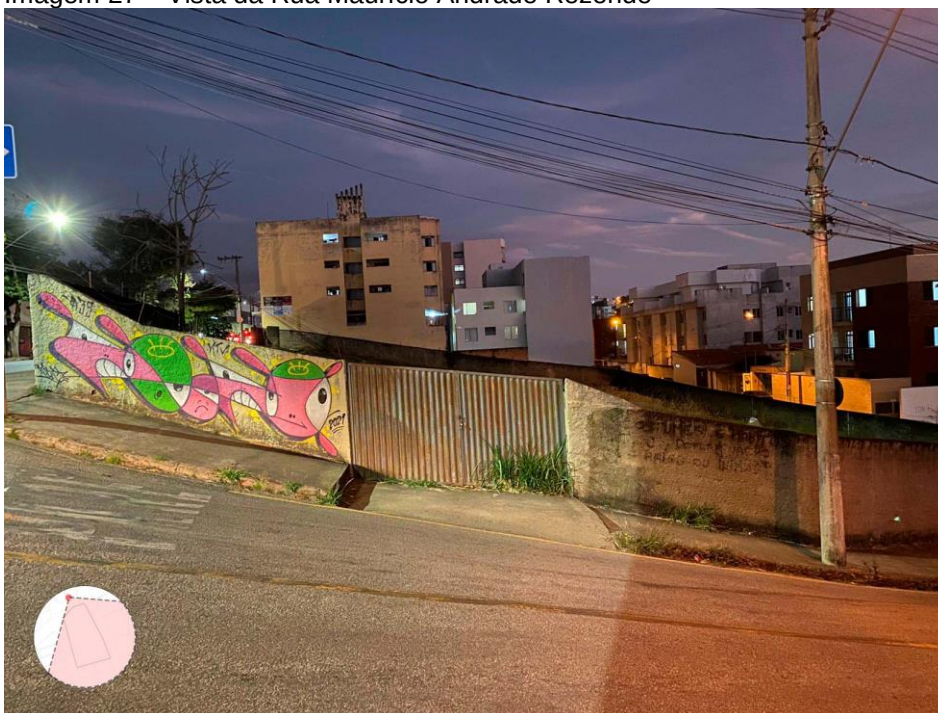
Imagem 26 – Iluminação pública presente na Avenida Dr. Silvio Menicucci



Fonte: O autor (2022)

Já na Rua Maurício Andrade Rezende, seu estudo inicia a partir da Imagem 27, mostrada a seguir.

Imagem 27 – Vista da Rua Maurício Andrade Rezende

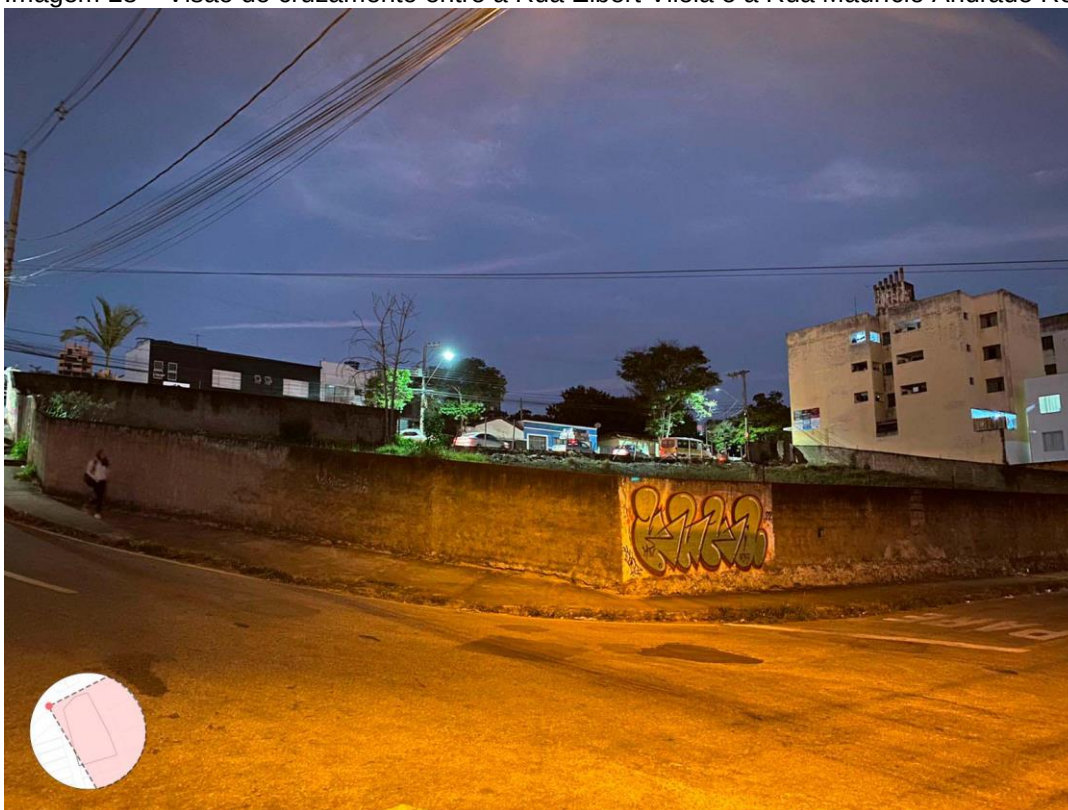


Fonte: O autor (2022)

Diferentemente da Avenida, essa rua já apresenta elementos na calçada que podem atrapalhar a circulação de pessoas, mesmo tendo um bom estado de conservação, em contrapartida, sua iluminação é falha, oferecendo riscos à segurança de quem transita por ali. Conta também com um grafite na parte mais elevada e ao lado, um portão metálico de acesso ao interior do terreno. Na parte mais baixa, assim como na maioria, finalizado também com o muro.

Por fim, a Rua Elbert Vilela, mais abaixo, apresenta um comportamento similar as outras duas: terreno murado e calçada em bom estado como pode ser visto na imagem 28 a seguir, sendo que há também grafites numa das partes dessa barreira.

Imagem 28 – Visão do cruzamento entre a Rua Elbert Vilela e a Rua Maurício Andrade Rezende

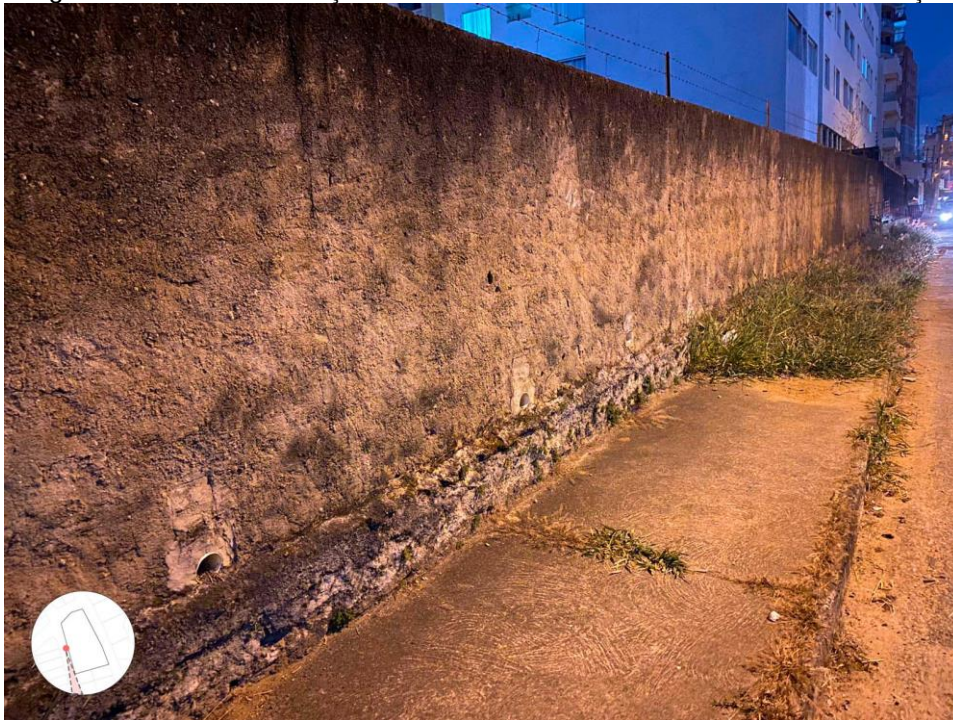


Fonte: O autor (2022)

Por fim, na rua em que se localiza a parte mais baixa do terreno, há um trecho que não há calçamento, obrigando os pedestres a mudarem de faixa para passagem, como pode ser observado na Imagem 29, apresentada a seguir. Além dessa ausência da calçada em uma parte, a partir de uma visita noturna, foi possível

perceber partes da rua mais próximas do terreno em estudo não apresentam iluminação adequada, criando pontos de escuridão, comprometendo a segurança dos moradores.

Imagem 29 – Trecho da calçada da Rua Maurício Andrade Rezende sem calçamento



Fonte: O autor (2022)

Finalizando essa análise mais aprofundada do terreno e do entorno em si, pode-se concluir que ele já apresenta uma estrutura consideravelmente boa, alguns aspectos como a ausência do muro devido a queda, a falta do calçamento e ausência de iluminação em alguns trechos são alguns dos elementos que devem ser tratados no projeto, uma vez que são necessários principalmente na ideia de segurança e salubridade dos seus indivíduos e da comunidade.

Pensando, a partir de agora, numa análise mais específica das propostas projetuais a serem adotadas, começamos tal finalidade com o programa de necessidades apresentado na Figura 10 disposta a seguir.

Figura 10 – Proposta do Programa de Necessidades



Fonte: O autor (2022)

A partir disso, é possível perceber que o programa foi dividido em 5 grandes áreas, sendo elas o social, administrativo, de funcionários, serviço e de atendimento. O primeiro deles mostra quais espaços seriam de uso basicamente dos usuários que estariam sendo assistidos pelo projeto, dando ênfase em ambientes que podem promover trocas entre si, sejam nos espaços abertos ou fechados, ou espaços que sejam destinados especificamente a eles; denominado como sala "integradora", esse ambiente teria como objetivo integrar a comunidade externa com quem estaria frequentando o centro. O segundo, administrativo, mostra os espaços que fazem referência aos usos de quem vai gerir todo o projeto, além dos espaços de contato direto com seus pacientes, como a recepção. O terceiro, por sua vez, mostra os ambientes voltados a quem vai ajudar a fazer a manutenção do projeto, idealizando áreas adequadas para descanso e com maior privacidade. O quarto, de serviços, apresenta locais voltados a dar suporte aos funcionários. Por fim, o quinto, de atendimento, mostra espaços que objetivam a dar o melhor tipo de atendimento aos usuários, dando destaque ao atendimento complementar, que pode ser alguma modalidade alternativa que possa contribuir no processo de quem faz o uso do centro de acolhimento, sendo a acupuntura um desses exemplos.

CONCLUSÃO

Alguns pontos devem ser ressaltados, uma vez que a temática abordada leva em consideração diversos fatores que, de alguma forma, podem e devem ser entendidos afim de compreender tal processo. Primeiramente, entender o motivo desses casos de LGBTfobia, considerando que teve o seu início nos Estados Unidos e posteriormente ganhou mais notoriedade em escala mundial; em segundo lugar, mostrando dados, tanto quantitativos quanto qualitativos, que mostram a recorrência de casos de LGBTfobia e também entender que já existem políticas de apoio a comunidade, mesmo que mínimas mas que estão ganhando mais visibilidade nos mais diversos sentidos; em terceiro, compreendendo quais espaços esse grupo ocupa na cidade e como fazer com que ele se sinta pertencente da mesma; em quarto, sabendo desses locais e dos seus usos, entender que além da cidade, nos outros ambientes tal visibilidade já ocorre, mesmo que em alguns momentos seja compreendida de maneira preconceituosa; por fim, mostrando instrumentos que podem auxiliar no tratamento dos indivíduos que sofrem com casos de LGBTfobia no Brasil.

Por outro lado, centros de acolhimento, mesmo que mínimos no Brasil, para tal grupo são possíveis de serem encontrados, mas que mesmo assim, se mostram necessários para auxiliar nesse suporte que se faz cada vez mais evidente para esses membros. Tais ambientes tratam seus pacientes de uma maneira que leva em consideração não somente o presente, mas também entendendo todo o seu processo que fez chegar a esse ponto, diferentemente de um hospital público. Por isso, faz-se necessário pensar em um possível espaço que possa abordar tais pontos citados anteriormente.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, Naiara. **Como o regime nazista tratou homossexuais e o que a Alemanha está fazendo para repará-los**. Nexo, 6 ago. 2017. Disponível em <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/08/06/Como-o-regime-nazista-tratou-homossexuais-e-o-que-a-Alemanha-est%C3%A1-fazendo-para-repar%C3%A1-los>>. Acesso em 16 mar. 2022

BACKES, Toni. **Neuropaisagismo: conceitos filosóficos e ecológicos dos jardins regenerativos e vibracionais**. Nova Petrópolis, RS: Edição do Autor, 2020. 288p

BELCHIOR, Antônio Carlos. **Sujeito de sorte**. In: BELCHIOR. Alucinação. São Paulo: PolyGram, 1976. Lado A, faixa 4

BORGES, Rebeca. **Em 2020, comunidade LGBTQ+ teve 48 eleitos e mais de 450 mil votos**. Metrôpoles, 16 nov. 2020. Disponível em <<https://www.metropoles.com/brasil/eleicoes-2020/em-2020-comunidade-lgbt-teve-48-eleitos-e-mais-de-450-mil-votos>>. Acesso em 26 mar. 2022

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O poder do corpo no espaço público: o urbano como privação e o direito à cidade. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, v. 18, n. 3, p. 472-486, 2014.

CELESTINO, Paula. **Quais são as bandeiras LGBTQIA+ e o que elas significam?** Jovem na mídia, 21 jun. 2021. Disponível em <<https://jovemnamidia.com.br/2021/06/21/quais-sao-as-bandeiras-lgbtqia-e-o-que-elas-significam/>>. Acesso em 14 abr. 2022

Centro Cultural. Casa Um, 2022. Disponível em <<https://www.casaum.org/centro-cultural/>>. Acesso em 1 maio 2022

CERIONI, Clara. **Brasil tem recorde de pré-candidatos LGBTQ às eleições 2020**. Exame, 25 jul. 2020. Disponível em <<https://exame.com/brasil/brasil-tem-recorde-de-pre-candidatos-lgbt-as-eleicoes-2020/>>. Acesso em 26 mar. 2022

Clínica Social. Casa Um, 2022. Disponível em <<https://www.casaum.org/clinica-social/>>. Acesso em 26 abr. 2022

COSTA, Leandra. L. L. **A luz como modeladora do espaço na Arquitetura**. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura (ciclo de estudos integrado). Covilhã, 2013. Disponível em: <<https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/2154/1/Tese%20Leandra%20Costa.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2022

DIAS, Maria Berenice. **Homofobia é crime?** Instituto Brasileiro de Direito de Família, 14 maio 2012. Disponível em <<https://ibdfam.org.br/artigos/817/Homofobia+%C3%A9+crime%3F#:~:text=Homofobia%20%C3%A9%20crime%3F,-Maria%20Berenice%20Dias&text=Ainda%20que%20muito%20n%C3%A3o%20saibam,%2C%20bissexuais%2C%20travestis%20e%20transexuais>>. Acesso em 17 mar. 2022

Entenda o que significa cada letra da sigla LGBTQIA+. Folha, 28 jun. 2021. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/06/entenda-o-que-significa-cada-letra-da-sigla-lgbtqia.shtml>>. Acesso em: 3 mar. 2022

FÁBIO, André Cabette. **A trajetória e as conquistas do movimento LGBTI+ brasileiro.** Nexo, 28 out. 2021. Disponível em <<https://www.nexojornal.com.br/explicado/2017/06/17/A-trajet%C3%B3ria-e-as-conquistas-do-movimento-LGBTI-brasileiro>>. Acesso em 20 mar. 2020

GUEDES, Maria Júlia. **Rebelião de Stonewall: qual a sua importância para o movimento LGBT+ nos dias atuais?** Politize, 3 dez. 2020. Disponível em <<https://www.politize.com.br/rebeliao-de-stonewall/>>. Acesso em: 13 mar. 2022

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidade e estados.** Lavras, 2021. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/lavras.html>>. Acesso em: 1 jun. 2022

LACY, Marie Louise. **Poder das cores no equilíbrio dos ambientes.** Editora Pensamento, 2000.

Lampião da Esquina. Grupo Dignidade, 17 abr. 2019. Disponível em <<http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em 14 mar. 2022.

Lampião da esquina. Grupo Dignidade, 2 abr. 2019. Disponível em <<http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em 16 mar. 2022

LGBTfobia e os desafios da população LGBTQIAP+. Politize, 14 set. 2021. Disponível em <<https://www.politize.com.br/equidade/blogpost/lgbtfobia-e-os-desafios-da-populacao-lgbtqiap/>>. Acesso em 16 mar. 2022

Los Angeles LGBT Center - Anita May Rosenstein Campus / Leong Leong + Killefer Flammang Architects". ArchDaily, 30 maio 2019. Disponível em <<https://www.archdaily.com/917774/los-angeles-lgbt-center-anita-may-rosenstein-campus-leong-leong-plus-killefer-flammang-architects>>. Acesso em 26 abr. 2022

Los Angeles LGBT Center Opens The Doors Of Revolutionary Anita May Rosenstein Campus, The World's First Intergenerational Facility Serving LGBT Seniors And Youth. Los Angeles LGBT Center, 7 abr. 2019. Disponível em <<https://lalgbtcenter.org/about-the-center/press-releases/los-angeles-lgbt-center-opens-the-doors-of-revolutionary-anita-may-rosenstein-campus-the-world-s-first-intergenerational-facility-serving-lgbt-seniors-and-youth>>. Acesso em 26 abr. 2022

Los Angeles LGBT Center, Hollywood, CA. Oculus Light Studio, 2022. Disponível em <<https://oculuslightstudio.com/projects/la-lgbt-center/>>. Acesso em 16 abr. 2022

MELLO, Luiz et al. Para além de um kit anti-homofobia: políticas públicas de educação para a população LGBT no Brasil. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 6, n. 07, 2012.

MENDES, W. G.; SILVA, C. M. F. P. da. Homicídios da população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais ou transgêneros (LGBT) no Brasil: uma análise espacial. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 1709-1722, 2020.

MEZZOMO, Augusto A. **Humanização Hospitalar**. Fortaleza: Realce Editora, 2002. Acesso em 3 abr. 2022

Moradia. Casa Um, 2022. Disponível em <<https://www.casaum.org/centro-de-acolhida/moradia/>>. Acesso em 26 abr. 2022

Movimento LGBT: o que é, história e muito mais! Stoodi, 6 mai. 2021. Disponível em <<https://www.stoodi.com.br/blog/atualidades/movimento-lgbt-o-que-e/>>. Acesso em: 13 mar. 2022

NARCISO, Filipe Albesso; FERREIRA, Pedro. **Do New Queer Cinema à contemporaneidade: A relevância do cinema independente para a representatividade LGBTQ+.** Jornalismo Júnior I ECA-USP, 8 jan. 2021. Disponível em <<http://jornalismojunior.com.br/a-relevancia-do-cinema-independente-para-a-representatividade-lgbtq/>>. Acesso em 27 mar. 2022

NASCIMENTO, Ana Gabriela *et al.* **Onze cantores LGBTQIA+ que trazem o novo à cena brasileira.** Globo, 23 mar. 2021. Disponível em <<https://gente.globo.com/onze-cantores-lgbtqia-que-trazem-o-novo-a-cena-brasileira/>>. Acesso em 27 mar. 2022

OLIVEIRA, Natália. **Relatório divulga agressões contra LGBTs no Carnaval em BH.** O Tempo, 30 mar. 2017. Disponível em <<https://www.otempo.com.br/cidades/relatorio-divulga-agressoes-contra-lgbts-no-carnaval-em-bh-1.1454202>> Acesso em 24 maio 2022

PADOVEZ, Elcio. **Tiffany Abreu: "Quero ajudar a abrir espaço para mais atletas trans"**. Universa, 21 abr. 2021. Disponível em <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/04/21/tiffany-abreu.htm>>. Acesso em 27 mar. 2022

PEREIRA, Matheus. **O papel da cor na arquitetura**. ArchDaily, 15 mai. 2018. Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/894425/o-papel-da-cor-na-arquitetura>>. Acesso em 11 abr. 2022

PINHEIRO, A. C.; TEIXEIRA, G. **As principais conquistas LGBTQ+ nas últimas três décadas**. Cláudia, 17 maio 2020. Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/sua-vida/as-principais-conquistas-lgbt-nas-ultimas-tres-decadas/>>. Acesso em 20 mar. 2022

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAVRAS. **Lei Complementar Nº156**. Lavras, 22 set. 2008. Disponível em: <<http://187.60.128.132:8082/GRP/servlets/portalcidadao/cadastrsgerais/downloadArquivoDigital?jCnhEZIGwGCj8t=t8t359yIU5vQGAnjA5Cd9h7G42Z848r3rtXM0jyO3wp9C20ltltjyM4dbOd68Otb2Uhlr5p0U25Oy4GOZtEnKE4X7IOfX1Ej74SjA8yv&id=5986&n43ZpGf1K46y1C3d6SUpA8O0yybGdOM0pZU6b7UAdS14dtpZIG2Z2KAO0yG7nt3QMGOd59GQrEXvAjXEdZjl7A5rZI30OO>>. Acesso em 12 jun. 2022

_____. **Saúde em Lavras continua avançando**. Lavras, 28 jan. 2022. Disponível em <<https://www.lavras.mg.gov.br/artigo/saude-em-lavras-continua-avancando/MTM1OTc=>>>. Acesso em 19 jun. 2022

QUERINO, Rangel. **Ativista LGBTQ afirma sofrer agressões motivadas por homofobia em MG**. Observatório G, 2018. Disponível em <<https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/ativista-lgbt-afirma-sofrer-agressoes-motivadas-por-homofobia-em-mg>>. Acesso em 24 maio 2022

QUINALHA, Renan. **A história do movimento LGBTQ brasileiro**. Globo, 17 jun. 2020. Disponível em <<https://gente.globo.com/a-historia-do-movimento-lgbt-brasileiro/>>. Acesso em: 13 mar. 2022

ROSA, Wilzacler. **Pesquisa revela o risco de suicídio da comunidade LGBTQ**. Conselho Regional de Psicologia – AL. Disponível em <<https://www.crp15.org.br/artigos/pesquisa-revela-o-risco-de-suicidio-na-comunidade-lgbt/>>. Acesso em 23 maio 2022

SANTIAGO, Abinoan. **Casal gay relata homofobia e agressão de PM com barra de ferro em MG**. Uol, 15 fev. 2022. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/02/15/casal-gay-agredido-policia-militar-belo-horizonte.htm>>. Acesso em 24 maio 2022

SÃO PAULO. Cidade de. Secretaria de Turismo. **23ª Parada do Orgulho LGBTQ 2019**, 18 jun. 2019. Disponível em

<<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/desenvolvimento/turismo/eventos/index.php?p=278600>>. Acesso em 14 abr. 2022

SILVA, Bárbara Correia Florêncio et. al. **LGBTfobia e os desafios da população LGBTQIAP+**. Politize, 14 set. 2021. Disponível em <<https://www.politize.com.br/equidade/blogpost/lgbtfobia-e-os-desafios-da-populacao-lgbtqiap/>>. Acesso em 16 mar. 2022

Sticky Fingers / Rue Royale Architectes. ArchDaily Brasil, 12 abr. 2014. Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/01-188519/sticky-fingers-slash-rue-royale-architectes>> Acesso em: 14 abr 2022

Sticky Fingers. Rue Royale Architectes. Sticky Fingers, 2018. Disponível em <<https://www.rueroyalearchitectes.com/projet/sticky-fingers/>>. Acesso em 10 abr. 2022

TOLEDO, Luiz. **Humanização do edifício hospitalar: um tema em aberto**. 2005.

TRINDADE, Priscila. **Jovem é espancado em Minas por ser homossexual**. Exame, 8 ago. 2011. Disponível em <<https://exame.com/brasil/jovem-e-espancado-em-minas-por-ser-homossexual/>>. Acesso em 24 maio 2022

ZALCMAN, Fernanda. **O pioneirismo de Tiffany e o que diz a ciência**. Olimpíada todo dia, 28 jun. 2020. Disponível em <<https://www.olimpiadatododia.com.br/volei/247268-o-pioneirismo-de-tiffany-e-o-que-diz-a-ciencia/>>. Acesso em 27 mar. 2022

ZEIGER, Mimi. **Getting There**. e-Flux Architecture, 2019. Disponível em <<https://www.e-flux.com/architecture/positions/280817/getting-there/>>. Acesso em 13 maio 2022